

CAPÍTULO V

A MÍSTICA PRATICADA: DIFERENTES ESPAÇOS E EXPERIÊNCIAS

5.1. Em todos os espaços e circunstâncias

Por ser um momento privilegiado nas diversas atividades desenvolvidas pelo MST, a mística necessitaria estar em *todos os espaços e circunstâncias*. Aventurando-me pelos arquivos visitados, produzindo entrevistas e coletando fontes a partir de contatos com outros pesquisadores, recolhi materiais que me ajudaram a refletir sobre a importância da mística frente às diversas ações desenvolvidas pela organização do Movimento. O estímulo para que se desenvolva essa prática é constante, nos mais variados lugares. Cabe ressaltar, que por mais que haja o direcionamento dos coordenadores do MST, a mística não acontece com tanta intensidade em todos os espaços em que os integrantes do Movimento se encontram presentes, como, por exemplo, nos assentamentos. Nas entrevistas realizadas com os homens e mulheres do assentamento Estrela da Ilha, foi possível perceber por meio de suas experiências essa questão, que será discutida no próximo tópico.

Vejam-se, agora, alguns dos espaços em que o MST faz questão de ressaltar a importância da mística, para além dos Encontros e Congressos. Aliás, isso é colocado em evidência por Ademar Bogo como uma “fragilidade a ser superada”. O mesmo questiona que a prática da mística não deve ser efetuada apenas nos Encontros e Congressos: “Porque, em alguns lugares, a mística adormece? Se é possível fazer uma encenação por dia em encontro, porque as mesmas pessoas não conseguem fazer uma encenação por dia em seu assentamento?”⁴²⁰. Em outro texto, elenca também que “há uma enorme dificuldade para a militância vivenciar a mística cotidianamente, com o mesmo ardor da vivência nos encontros”. Sendo assim, a mística deveria estar relacionada a outras atividades, e não ser desenvolvida apenas em momentos específicos. Como dirigente do MST, explicita que a mística separada de outras atividades e espaços que fazem parte da vida dos sujeitos não teria

⁴²⁰ BOGO, Ademar. *O Vigor da Mística*. MST – Caderno de Cultura Nº 2. São Paulo, 2002. p. 144.

sentido, tornando-se “muito abstrata”⁴²¹. A mesma ideia é descrita na publicação *Construindo o Caminho*, na qual diz que a mística não deve ser reduzida às “sessões de encenações no início e fim dos eventos”⁴²². Ela precisa ser vivenciada na prática cotidiana. É possível dizer que a sistematização da mística por parte do MST, teria como fundamento produzir efeitos na prática cotidiana dos sujeitos. Caso contrário, ela perderia sentido, à proporção que se tornou parte fundamental nas ações fomentadas pelo Movimento.

Ainda em fins da década de 1980, o MST enfatizava a necessidade de ter mística nos *trabalhos de base*. No *Caderno de Formação Nº 14*, que fora publicado após três anos de sua criação, é expresso essa necessidade. Entretanto, o que vem a ser o trabalho de base? Esse trabalho se configurava como algo fundamental para divulgação do MST, bem como na organização dos trabalhadores e trabalhadoras que almejassem lutar pela terra. Nesta direção, o Movimento fazia algumas atividades com pessoas interessadas e, em seguida, chamava estas para fazerem parte de sua *base*, lutando em acampamentos, ocupações, dentre outros espaços. Era por meio do trabalho de base que o MST conseguia reunir pessoas para lutar junto à sua organização. O trabalho de base acontecia em diversos lugares, como descreve um trecho do *Caderno*:

O trabalho de base é realizado nas favelas, nas portas de fábricas, nas invasões, no eito de cana, mas, também nas diretorias, nos palanques, no parlamento e nas reuniões nacionais e internacionais. [...]. O trabalho de base é uma prática de trabalho, um jeito de trabalhar. Uma prática que junta cada vez mais gente, em todos os níveis ‘massa’, ‘militantes’, ‘dirigentes’, em todos os lugares ‘campo, cidade, município, estado, país’, pois multiplica companheiros: *é quantidade*. Mas, companheiros esclarecidos, organizados, conquistando vitórias, por isso *é qualidade*⁴²³.

O trabalho de base é muito valorizado e cobrado no MST, haja vista que é através dele que o Movimento consegue reunir mais integrantes e simpatizantes para participar nas lutas. Como foi descrito na citação, este trabalho era feito nos mais variados lugares, de forma que qualquer pessoa interessada poderia ajudar nas lutas, ou melhor, pertencer à base do MST. O trabalho de base visava adicionar cada vez mais sujeitos à sua organização. No discurso, era prezado a *quantidade* de pessoas. Quanto mais pessoas conseguissem conquistar para formar a base do Movimento, melhor. Porém, o trabalho precisava desenvolver a *qualidade*, ou seja,

⁴²¹ BOGO, Ademar. A força que vem da mística. In: _____. *Arquiteto dos sonhos*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2003. cap. VII, p. 344.

⁴²² MST – *Construindo o Caminho*. São Paulo, julho de 2001. p. 196.

⁴²³ MST- Caderno de Formação Nº 14. *Construir um Sindicalismo pela Base*. São Paulo, 1987. p. 9.

os sujeitos que formariam a base precisariam ter o mínimo de conhecimento necessário para saber o porquê da luta e seu papel enquanto *atores* da história.

Como uma atividade tão importante para o MST, a orientação era que a mística deveria estar presente nos trabalhos de base, pois, ao mesmo tempo em que expressava elementos da organização, das visões de mundo e das concepções políticas e ideológicas do Movimento, ela também tinha a dimensão da *festa e compromisso*. Por meio da mística, deveria haver o ensino e a conscientização política dos trabalhadores e trabalhadoras, mas também proporcionaria a dimensão do *celebrar*. Sobre a mística como momento de *festa e compromisso* no trabalho de base, o Movimento ressaltava que:

No trabalho de base, a raça e a dureza devem vir juntas com a alegria e a beleza. Se alguém merece algo perfeito, esse alguém é o trabalhador. Nossas atividades devem mostrar aquilo que estamos construindo. Um lugar gostoso, um ambiente bem arrumado, limpeza, música, poesia, festa, celebração, símbolos, bandeiras, palavras de ordem que reflitam o que passa em nosso interior. Tudo serve como sinal e reforço de nossa caminhada⁴²⁴.

A mística nos trabalhos de base deveria *reforçar a caminhada dos trabalhadores*, sobretudo, ser uma prática que proporcionasse aprendizados e ressoasse as concepções políticas e ideológicas do Movimento para os participantes, os quais fortaleceriam a sua base. Na análise de fontes, constatou-se que na *formação de quadros* a mística também deveria estar. Em uma publicação recente, intitulada *A Política de Formação de Quadros*, esse assunto fica bem evidente. Este material, no qual é utilizado como *Caderno de Estudos* pelos integrantes do Movimento, foi produzido pela ENFF⁴²⁵, pertencente ao MST. Os textos no interior do *Caderno* são frutos da sistematização de diversas palestras proferidas por ocasião de sua inauguração, no ano de 2005. Nele estão contidos nove textos de autores distintos, os quais refletem sobre a importância da *política de formação de quadros*⁴²⁶ para os movimentos sociais, inclusive no MST. O interessante nesta publicação é que a prática da mística era vista como um elemento fundamental para auxiliar na formação dos quadros do Movimento.

⁴²⁴ MST- Caderno de Formação Nº 14. *Construir um Sindicalismo pela Base*. p. 13.

⁴²⁵ *Escola Nacional Florestan Fernandes* – foi construída pelos integrantes do MST, com o auxílio financeiro de diversas organizações sociais nacionais e internacionais, e de parceiros do Movimento. A Escola foi inaugurada no ano de 2005, e está localizada no município de Guararema – SP. A mesma oferece diversos cursos de formação política, bem como, cursos técnicos, de graduação, especialização e pós-graduação.

⁴²⁶ *Formação de Quadros* – é uma política adotada por alguns movimentos sociais de cunho político, procurando formar militantes segundo as suas concepções políticas e ideológicas. Em geral, a *formação de quadros* visa formar novos militantes, que futuramente assumirão os quadros da direção no Movimento. Para saber mais sobre a política de *formação de quadros no MST*, ler o Caderno de Estudos ENFF 1, que está sendo analisado e: MST – Cadernos Vermelhos Nº 7. *CHE e os Quadros de Direção*. s/d.

De acordo com Adelar João Pizetta, militante e intelectual orgânico no MST, em seu texto *A formação de quadros políticos: elaboração teórica, experiências e atualidade*, a mística ensinaria e direcionaria o rumo do projeto, contagiando as *massas* nos trabalhos.

A mística é o mecanismo de celebrar, de cultivar o projeto político, por intermédio dos símbolos, da cultura, da memória, dos sonhos. A mística ensina a cultivar o projeto; por isso, não existe projeto sem mística como não existe mística sem projeto, sem causa. A massa deve ser contagiada pela mística para que possa carregar em seus braços a causa da revolução, da liberdade ⁴²⁷.

Nas palavras de Pizzeta, é possível visualizar mais uma vez a questão dos *níveis hierárquicos* no Movimento. O celebrar da mística deveria contagiar as *massas*, para que elas caminhassem rumo à revolução e liberdade. Sobre essa problemática, eis a indagação: será que só a massa necessitaria ser contagiada? Os militantes e dirigentes também não precisariam ser contagiados? Como já foi discutido, é complexo identificar os sujeitos comuns apenas como *massa*, sendo que estes possuem sentimentos e raciocinam. Considerá-los como *massa* é minimizar a sua própria capacidade de indignar-se, e seu poder de transformação.

No Caderno referido, Néstor Kohan, descrevendo sobre *As armas secretas do MST*, não poderia deixar de mencionar uma *arma* que é simultaneamente considerada a *alma* do Movimento. Para ele, a mística se tornou um dos princípios mais originais na estrutura organizacional do Movimento. Muito mais do que representações cênicas e músicas, em sua visão, ela auxiliava na construção da identidade político-cultural dos Sem Terra, não apenas a partir da consciência, mas também em face das *emoções* e *sentimentos*. Em suas palavras:

[...] a mística. Essa palavra intraduzível, de origem religiosa, secularizada pelo Movimento Sem Terra, na qual se junta a ética e a estética, a subjetividade e a identidade, a lógica dos sentimentos e as emoções da consciência, a simbologia e a cultura popular – ou seja, todas as antigas culpas e dívidas que a pesada herança do marxismo e do estalinismo nos legou. A militância do MST investe uma energia e um tempo incrível na preparação, até o último detalhe, das representações estéticas em que se celebra a recuperação da terra e a rebeldia contra os endinheirados e os patrões, contra os paramilitares e os capangas a serviço dos milionários. Representações cênicas e musicais, nas quais vai se construindo a identidade político-cultural a partir não só da consciência, mas também dos afetos, das emoções e dos sentimentos ⁴²⁸.

⁴²⁷ Cadernos de Estudos ENFF 1. *A Política de Formação de Quadros*. Guararema - SP, 2007. p. 90.

⁴²⁸ Cadernos de Estudos ENFF 1. *A Política de Formação de Quadros*. p. 107.

Por ser tão dinâmica e objetiva, a mística necessitaria ser desenvolvida nos cursos de *formação de quadros* do MST. As novas lideranças que iriam surgir através desses cursos, provavelmente, agregariam valor a ela e prosseguiriam com o seu desenvolvimento. Em 1997, no *Caderno de Formação Nº 24*, chamado *Método de Trabalho Popular*, analisei, em seu conteúdo, outro momento privilegiado em que a mística não poderia faltar. A produção desse material foi com o intuito de auxiliar os militantes do MST a trabalharem na formação de “futuros agentes de trabalho junto com o povo e para as lideranças”⁴²⁹. Nele continham alguns princípios do *Método de Trabalho Popular* do qual o Movimento utilizava. O mais interessante dessa fonte, é que ela remete à reflexão de que a prática da mística passava a ser vista também como parte integrante de um método de trabalho popular. Sendo assim, “no trabalho popular, é a energia vital (de vida) que deve perpassar todo o processo. Ela é animação, impulso, garra. Sem esta energia vital, se morre”⁴³⁰.

Como parte integrante do *Método de Trabalho Popular* priorizado pelo Movimento, a mística toma uma dimensão preciosa, na qual é destacada como a *energia vital*. Durante o processo, se ela estivesse ausente, corria-se o risco do trabalho morrer. Diante disso, observo que a mística se tornou tão relevante que era visualizada dramaticamente na dualidade entre *vida e morte*. No *Caderno*, que está sendo analisado, a mística era muito valorizada por ter a capacidade de *tocar os sentimentos* dos sujeitos. É uma prática que motivava, despertava o ânimo diante de tantas dificuldades que perpassava a luta pela terra, e depois para nela permanecer. Nesta perspectiva, o MST compreendia que “a mística converte as pessoas ao projeto (horizonte) pelo *sentir*. Nela o pensamento e a ação são comandados pelo *sentir*”⁴³¹. Para tanto, a mística no *Trabalho Popular* empreendido pela organização do MST visaria ligar três aspectos fundamentais: *o sentir, o pensar e o agir*.

Ao perpassar todos os meandros do *Método de Trabalho Popular*, nota-se no *Caderno* algumas das intencionalidades com a prática da mística. Isto é, o seu fazer deveria construir representações sobre questões relacionadas à vida dos sujeitos e à organização do Movimento. Abaixo, podem ser encontrados alguns deveres, valores, características e elementos que deveriam ser indispensáveis à mística. Alguns destes aspectos já foram destacados no transcorrer do trabalho e, posteriormente, devido às particularidades das discussões, outros serão retomados. Observa-se:

⁴²⁹ MST- Caderno de Formação Nº 24. *Método de Trabalho Popular*. São Paulo, junho de 1997. p. 5.

⁴³⁰ MST- Caderno de Formação Nº 24. *Método de Trabalho Popular*. p. 25.

⁴³¹ MST- Caderno de Formação Nº 24. *Método de Trabalho Popular*. p. 25.

A mística deve desenvolver, especialmente, os seguintes valores:

- Humildade
- Honestidade
- Coerência/Convicção/Perseverança
- Paixão/Amor pela causa
- Espírito de sacrifício/Gratuidade
- Responsabilidade/Disciplina.

Na mística deve estar presente:

- Os símbolos da organização: bandeira, hino, etc.
- Cantos de luta
- Palavras de ordem
- Os militantes históricos apontados pela organização.

A mística deve levar em conta:

- A memória subversiva do povo: a situação que os levou a lutar, a luta pela terra, a organização da produção, etc.
- A nossa utopia (o socialismo) e o nosso sonho de transformar a realidade
- A prática e as lutas históricas dos trabalhadores (as que aconteceram antigamente e as de hoje)
- As pessoas do grupo (a base): o nível da consciência delas.
- Os passos que precisamos dar (ir antecipando o futuro).
- Os eventos em andamento ou o que está acontecendo: manifestações de base, encontros de militantes, reuniões de dirigentes, etc.

A mística deve:

- Ser breve e profunda
- Ser séria e sensível (tocar o coração)
- Demonstrar confiança na organização e na luta
- Demonstrar convicção do caminho (é o certo)
- Estar presente em todos os momentos do processo. Não podemos cair no erro de aprender dentro de determinados momentos (na formatura, por exemplo) ⁴³².

Pelo texto supracitado, atento para algumas discussões que já foram apontadas no decorrer da narrativa, no sentido de que a mística na organização do MST não se configura como mera *apresentação*. Como prática, o seu fazer-se é dotado de intencionalidades. E mediante o seu fazer, o Movimento objetivava *construir representações*. Percebe-se que era colocado sob responsabilidade da mística trabalhar diversos aspectos entre os sujeitos. Muito claro também está o fato de que tudo deveria estar ligado àquilo que o Movimento priorizava e à sua organização.

Outro espaço em que o MST explicitava sobre a necessidade de se praticar a mística era no *âmbito escolar*. Nos assentamentos e acampamentos em que há escolas e educadores ligados ao Movimento, o desenvolvimento da mística tornou-se fundamental. Em diversas

⁴³² MST- Caderno de Formação Nº 24. *Método de Trabalho Popular*. p. 26-7.

fontes, pode constatar essa preocupação, sobretudo, em materiais ligados ao *Setor de Educação*, publicados a partir da década de 1990. Provavelmente, em fins dos anos de 1980, ou nos dois primeiros anos da década de 1990, o MST lançou uma pequena *Cartilha* com o nome de *Escola de Assentamento – Ocupar, Resistir, Produzir também na Educação*, a qual discutia a necessidade de se trabalhar a prática da mística nas escolas de assentamentos. Esse material foi destinado aos *Setores de Educação Estaduais e Regionais* do Movimento, como um apoio e orientação no desenvolvimento das atividades escolares nos assentamentos e acampamentos.

Na *Cartilha*, estão contidos dez princípios que as escolas de assentamentos precisavam cumprir, almejando o êxito no desenvolvimento de sua proposta pedagógica. Estes princípios iriam desde a organização dos espaços escolares, até as concepções pedagógicas *libertadoras*, das quais o MST cultivava. O nono princípio é: *Escola e Mística*. As orientações sobre este princípio eram claras, tendo em vista que a escola de assentamento deveria ajudar a formar militantes e “exercitar a mística do Movimento”⁴³³. Como em diversos materiais do Movimento, é atribuído à mística o caráter de *mistério*, como se fosse responsável em *animar* as ações dos sujeitos, despertando os sentimentos, os sonhos, as alegrias, a rebeldia e o ódio contra as injustiças sociais. Sendo pensada pelo MST, a mística nos assentamentos necessitaria expressar a crença em seus projetos.

Ainda sobre essa publicação, outro aspecto significativo é que ela traz a dimensão de que as escolas dos assentamentos, por meio da mística, deveriam proporcionar momentos em que mostrasse as adversidades na luta pela terra e a repressão sofrida pelos trabalhadores e trabalhadoras. No entanto, isso não poderia ser empecilho para que os sujeitos deixassem de lutar, pois da luta iriam conquistar uma vida melhor para sua família. As cercas dos latifúndios improdutivos seriam derrubadas e, naquele espaço, se configuraria os campos produtivos dos assentamentos. A mística, então, teria de representar diversas ocasiões que os sujeitos provavelmente vivenciarão nas pejejas, evidenciando, é claro, sempre o êxito e as conquistas, reforçando a crença e convicção de que com muita luta as conquistas viriam naturalmente.

Em 1992, o Movimento publicou seu primeiro *Boletim da Educação*, com o mesmo título da cartilha analisada anteriormente. Na apresentação, é destacado que o material teria a intenção de “contribuir na discussão da proposta de educação do MST”, bem como “subsidiar

⁴³³ MST – *Escola de Assentamento – Ocupar, Resistir, Produzir também na Educação*. s/d. p. 21.

diretamente o trabalho dos professores em cada Escola de Acampamento e Assentamento”⁴³⁴. O conteúdo exposto traz considerações semelhantes à cartilha *Escola de Assentamento*, especialmente no fato de que os espaços escolares nos assentamentos deveriam *ajudar na formação de militantes e exercitar a mística do MST*. Entretanto, as discussões são mais densas, fornecendo informações interessantes sobre como era visualizada a prática da mística nas escolas de assentamentos e também como ela necessitava ser desenvolvida.

Naquele momento, para o MST, “quanto mais cedo as crianças começassem a se engajar na construção do novo projeto mais amor pegariam”. Ou seja, o Movimento objetivava que as crianças participassem das atividades e desenvolvessem algumas das práticas do grupo o mais rápido possível. Nesta perspectiva, acreditava que as mesmas criariam um sentimento de pertença ao grupo, à medida que iriam se preparar para assumirem as tarefas da organização. Sendo assim:

O trabalho da Escola é participar deste processo. Refletir com as crianças. Ex – explicar o porquê das ações. Trabalhar com elas os sentimentos de medo, de revolta, mas também de conquista, de entusiasmo e de aventura que vivem. E, principalmente, nos Assentamentos, onde a vida fica mais estável não deixar que morram estas lições da luta⁴³⁵.

Exercitar, ou praticar a mística, era “um dos desafios importantes que a Escola poderia enfrentar na intenção de formar militantes”. Sobre esta assertiva, é perceptível que se pensasse a mística como um elemento que ajudaria na formação de militantes. Ou melhor, a mística deveria preparar as crianças para serem futuros militantes, com o perfil que o Movimento desejava. Para os professores, em sala de aula, a prática da mística poderia servir de subsídio na organização e tarefas diárias do âmbito escolar. Tendo como dimensão a tarefa de *animar*, mas também de *formar* militantes, a mística ganhava importância ímpar nas escolas do MST. Para tanto, a escola que não trabalhasse a mística na educação, estaria “sem um dos seus pilares, e por isso sua estrutura se torna frágil”. A mística passaria, então, a ser visualizada como um dos pilares fundamentais nas escolas do MST. Sobre os conteúdos da mística, a orientação era para que se trabalhassem “os valores da justiça, igualdade, da liberdade, o companheirismo, a solidariedade, a resistência. O sonho de uma vida digna. O sonho de uma nova sociedade, de uma nova educação, de um novo homem e de uma nova mulher”⁴³⁶.

⁴³⁴ MST – Boletim da Educação Nº 1. *Ocupar, Resistir e Produzir também na Educação*. Porto Alegre, agosto de 1992.p. 1.

⁴³⁵ MST – Boletim da Educação Nº 1. *Ocupar, Resistir e Produzir também na Educação*. p. 15.

⁴³⁶ MST – Boletim da Educação Nº 1. *Ocupar, Resistir e Produzir também na Educação*. p. 15.

No processo histórico, o Movimento demonstrou cada vez mais a sua preocupação com a Educação, e os materiais produzidos sobre esta área constantemente faziam referências à necessidade de se desenvolver a mística nas escolas. No *Caderno de Educação Nº 8*, intitulado *Princípios da Educação no MST*, o *Coletivo Nacional de Educação*⁴³⁷, partindo de algumas experiências acumuladas, resolveu divulgar alguns *princípios pedagógicos* que deveriam nortear as atividades dos docentes e educandos. É expresso que a mística deveria ser um componente pedagógico nas escolas, estimulando os educandos a participarem das lutas dos trabalhadores, e “na formação da consciência de classe”⁴³⁸. Neste sentido, entre os instrumentos pedagógicos do MST, a mística teria de proporcionar também um vínculo entre os *processos educativos e processos políticos*, fazendo com que os alunos e alunas conhecessem a “organização e o conjunto das lutas dos trabalhadores”⁴³⁹. Refletindo sobre estas questões, a mística nas escolas, se tornaria mais uma das atividades que contemplariam aquilo que o MST desejava para seus integrantes, sendo ela um instrumento eficaz que auxiliava na *formação da consciência* social dos sujeitos. O desenvolvimento da mística era considerado mais que uma atividade lúdica e prazerosa. Sua prática era dotada de intencionalidades, dentre elas a formação política e ideológica dos educandos Sem Terra.

Algo similar ao que está sendo discutido pode se encontrar no *Caderno de Educação Nº 9*, edificado no ano de 1999. A intenção do *Caderno* era contribuir com os educadores e educadoras que atuavam em escolas do e no campo, especialmente nas áreas de Reforma Agrária. As ideias sistematizadas eram a soma de experiências de profissionais da Educação que integravam e militavam junto ao MST. O material foi construído para orientar a prática dos educadores junto aos alunos do *Ensino Fundamental*, na época, de 1ª a 8ª séries. Por mais que as orientações sejam gerais, esse documento elucida como se configurava o *jeito da escola* que o Movimento desejava construir para seus assentamentos.

A escola deveria ser diferente, calcada nos princípios de *formar, capacitar e educar*. Esse diferente seria pautado em “mudar o conteúdo e a forma da escola funcionar para qualificar o processo educativo”⁴⁴⁰. No interior do processo educativo, a mística se tornaria essencial, passando a ser considerada um *instrumento pedagógico*. Desta forma, no ambiente escolar, era sugerido que se criassem *grupos de atividades*, em que teriam compromisso de desenvolver algumas tarefas. Um dos grupos seria responsável pelo preparo da mística,

⁴³⁷ O *Coletivo Nacional de Educação* é formado por uma equipe de educadores do Movimento, em âmbito nacional, responsável em sistematizar políticas e práticas pedagógicas para as escolas do e no campo.

⁴³⁸ MST – Caderno de Educação Nº 8. *Princípios da Educação no MST*. Porto Alegre, julho de 1996. p. 16.

⁴³⁹ MST – Caderno de Educação Nº 8. *Princípios da Educação no MST*. p. 17.

⁴⁴⁰ MST- Caderno de Educação Nº 9. *Como Fazemos a Escola de Educação Fundamental*. Porto Alegre, novembro de 1999. p. 3.

sistematizando e executando-a, de acordo com a realidade local e sob os princípios da organização do Movimento. Neste caso, as atividades nas escolas poderiam “ser realizadas por todos os grupos ao mesmo tempo, outras podem ser divididas entre os grupos: enquanto um grupo embeleza a sala de aula, outro ajuda na merenda, outro prepara a mística [...]”⁴⁴¹.

Sobre a mística enquanto *instrumento pedagógico*, o pesquisador Evandro Costa de Medeiros, ao realizar uma pesquisa sobre esta prática nos *Cursos Básicos de Formação de Militantes*, realizados na ENFF, discute de forma interessante essa possibilidade de interpretação sobre a mística. Medeiros edifica sua narrativa centralizando a relação mística e educação, compreendendo-a criticamente enquanto um possível “instrumento pedagógico”, capaz de contribuir no processo de aprendizagem e formação política dos integrantes do Movimento⁴⁴². Em seu ver, a mística é uma celebração permeada de uma “intencionalidade consciente”, capaz de *mobilizar, educar e politizar* os integrantes do Movimento, contribuindo também para a construção da identidade do grupo. Para Medeiros, a opção em atribuir um “sentido ideológico” para a mística, está no fato de ela se caracterizar como um instrumento pedagógico no Movimento. Em suas palavras:

[...] a opção de construir a reflexão sobre esse sentido ideológico da *mística* e de tentar afirmá-lo conceitualmente se faz com o intuito de fortalecer a argumentação em torno de sua possibilidade enquanto instrumento pedagógico na formação política dos sujeitos em luta pela transformação da realidade⁴⁴³.

Discutindo ainda sobre o caráter educativo da mística nas escolas do MST, é possível pensar que, por meio dela, os sujeitos são estimulados a refletir sobre sua vida cotidiana e na sociedade em geral, a repensar valores, visões de mundo, a fazer uma análise crítica sobre as relações de classe, dentre outras questões. Sendo um *recurso pedagógico*, a mística faria “do real, das históricas vividas no dia-a-dia pela comunidade Sem Terra ou da história de vida dos trabalhadores e do povo oprimido de outros tempos e espaços, um conteúdo possível de ser

⁴⁴¹ MST- Caderno de Educação Nº 9. *Como Fazemos a Escola de Educação Fundamental*. p. 15.

⁴⁴² MEDEIROS, Evandro Costa de. A Mística como Instrumento Pedagógico na Formação Política dos Militantes do MST. *Revista Geonotas*, v. 5, n. 4, out/nov/dez. 2001. Disponível em: <<http://www.dge.uem.br/geonotas/vol5-4/evandro.shtml>>. Acesso em: 15 maio. 2009; e MEDEIROS, Evandro Costa de. *A Dimensão Educativa da Mística Sem Terra: a experiência da Escola Nacional “Florestan Fernandes”*. 2002. 212 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

⁴⁴³ MEDEIROS, E. C. de. *A Dimensão Educativa da Mística Sem Terra*, p. 158.

apreendido e revisto criticamente por aqueles dela participam”. Por esta interpretação, teria grande relevância para a “formação política e para a educação humana no MST”⁴⁴⁴.

As reflexões dos autores Joysinett Moraes Silva e Rafael Vecchio são semelhantes às considerações de Medeiros sobre a mística. Entendendo-a como “uma outra linguagem”, que se caracterizaria como “rituais místicos”, visualizam a prática da mística como “instrumento político-pedagógico de conscientização”⁴⁴⁵. Através da mística se representaria aquilo que o MST vem construindo historicamente em sua organização, objetivando que os sujeitos *aprendam*. Isto é, a mística agregaria a dimensão *educativa* e de *conscientização* dos integrantes do Movimento.

Como educadora e militante do Movimento, Roseli Salette Caldart, ao descrever sobre *A Escola do Campo em Movimento*, ressalta o quanto a mística se tornou significativa nos espaços escolares. Analisando aspectos ligados à *Educação e as Escolas do Campo*, tendo como base experiências dos movimentos sociais rurais, particularmente o MST, elucida três aspectos que contribuem para a escola cultivar e fortalecer os processos de enraizamento dos sujeitos no campo. O primeiro diz respeito à “memória”, buscar conhecer o seu passado, as lutas históricas pela terra. O outro elemento está na questão dos “valores”, sendo eles humanistas e altruístas. O terceiro, e não menos importante que os outros, destaca a prática da “mística”. Em sua visão, a mística se transforma também em um dos *componentes pedagógicos* básicos no processo educativo. Adiante, enfatizam-se algumas palavras sobre a prática da mística na perspectiva que vinha analisando:

Mística: ela é a alma dos lutadores do povo; o sentimento materializado em símbolos que ajudam as pessoas a manter a utopia coletiva. *No MST a mística é uma das dimensões básicas do processo educativo dos Sem Terra*. A escola pode ajudar a cultivar a mística, os símbolos e o sentimento de fazer parte desta luta. Não fará isso se não conseguir compreender o desafio pedagógico que tem, diante da afirmação de uma criança de acampamento ou assentamento que diz: sou Sem Terrinha, sou filha da luta pela terra e do MST! (sublinhado meu)⁴⁴⁶.

Na militância do MST, o professor Rogério, concedendo uma entrevista à pesquisadora Maria Celma Borges, ressaltou o caráter pedagógico que a mística agrega no seu

⁴⁴⁴ MEDEIROS, E. C. de. *A Dimensão Educativa da Mística Sem Terra*, p. 169-70.

⁴⁴⁵ SILVA, Joysinett M; VECCHIO, Rafael. Uma Outra Linguagem: a Mística na produção da consciência dos integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), p. 376. *Ephemera – Theory & Politics in Organization*, v. 6 (3), p. 375-390, 2006.

⁴⁴⁶ CALDART, Roseli S. *A Escola do Campo em Movimento*, p. 11. *Currículo sem Fronteiras*, v.3, n.1, p. 60-81, jan/jun 2003. Disponível em: <www.curriculosemfronteira.org>. Acesso em: 23 set. 2008.

fazer. Antes de reuniões, aulas, dentre outras atividades, o desenvolvimento de místicas poderia auxiliar nas discussões, ou naquilo que seria trabalhado. Por meio da mística, os sujeitos teriam a possibilidade de aprender diversos assuntos. Conforme Rogério, essa prática seria um dos instrumentos pedagógicos mais importantes no interior do MST.

A gente sabe que a mística em alguns minutos, em 10, 15 minutos ela explica um livro, ela explica uma temática, que ela abre a possibilidade do aprendizado daquele conteúdo que a gente quer discutir. Então pra mim, inclusive como pedagogo, a mística é o mais forte instrumento de ensino e aprendizagem dentro do MST ⁴⁴⁷.

Ao analisar a importância e o estímulo do desenvolvimento da mística nas escolas organizadas por educadores do MST, ressalto um exemplo prático sobre esta questão. Na publicação *Construindo o Caminho numa Escola de Assentamento do MST*, editada no ano de 2000, há um exemplo interessante que auxilia na reflexão sobre uma experiência real na relação *mística e escolas de assentamentos*. O documento explicita relatos de assentados e assentadas e sistematiza experiências vivenciadas na escola do assentamento *Conquista na Fronteira*, no estado de Santa Catarina. Por ora, esse assentamento é considerado a *menina dos olhos* do MST, pelo fato de ter sido construído com muito êxito, de acordo com as ideias do Movimento, e também porque se tornou uma referência nacional de projetos de reforma agrária que tiveram grande êxito, em que os sujeitos conseguiram produzir consideravelmente e proporcionar uma vida digna para suas famílias.

Na escola chamada *Construindo o Caminho*, uma equipe do *Setor de Educação* do Movimento, junto aos professores do assentamento, puderam coletar e sistematizar muitas experiências vivenciadas pelos alunos, professores e toda a comunidade. Entre as diversas atividades da escola, há um espaço especial reservado para a prática da mística. Sendo considerada o *alimento* e a *força* da organização, a mística não era só praticada nas atividades escolares, mas também se estendia para todas as atividades cotidianas do assentamento. Nas palavras daqueles que participavam da organização da escola, é possível observar como esta prática era levada a sério, e que a mesma teria algumas funções e jeitos de se manifestar.

[...] decidimos incluir a mística como tarefa nas equipes de trabalho, onde cada dia uma equipe é responsável por ela. Como já temos presente à educação que queremos, a escola diferente que sonhamos, a mística alimenta

⁴⁴⁷ Rogério. Entrevista realizada por Maria Celma Borges. Assentamento São Bento, setor II. Pontal do Paranapanema – SP, 04/05/2002.

a esperança de alcançarmos este sonho. Devemos aproveitar para refletir os fatos, acontecimentos do dia-a-dia da escola, comunidade e do MST nestes 16 anos de história. É neste sentido que a mística está presente na sala de aula e na escola, através da riqueza dos símbolos do nosso Movimento ⁴⁴⁸.

Através dessa narrativa, é perceptível que a mística era uma atividade tida como essencial na escola. Evidência disso, foi a criação de equipes de trabalho para que cada dia uma ficasse responsável em desenvolver tal prática. A *escola diferente* no qual é relatado se baseia na ideia de que uma “Escola deve ser mais que Escola”, em que os seus conteúdos precisam ser direcionados à realidade e necessidades dos alunos, bem como a pedagogia desta deveria ser ancorada nos *princípios libertadores*, sistematizados especialmente pelo Educador Paulo Freire ⁴⁴⁹. A prática da mística no âmbito escolar contemplaria também a construção de uma *memória histórica* por parte do grupo, não só do assentamento, mas da própria história do MST, à medida que todos os assentados e assentadas eram seus protagonistas.

Para além do âmbito escolar, o intento era que a mística também fosse praticada em todos os espaços em que os jovens do MST se encontrassem. Desta forma, a visão de Adelar João Pizetta torna-se interessante para pensar esta questão. Pizetta é enfático ao dizer que nos grupos da juventude, a mística deveria estar presente. E, objetivando sua prática, ressalta que ela precisava causar “comoção” entre os jovens, convencendo-os sobre a importância das lutas do Movimento. Em suas palavras, a dimensão de “tocar a consciência” estaria relacionada à mística, no sentido de que ela seria responsável em “despertar o sentimento” em oposição à mídia e à indústria cultural, controladas pela classe dominante, fazendo germinar o potencial revolucionário dos jovens.

A mística deve comover a juventude, deve tocar o coração e a consciência a fim de que assumam e defendam a causa dos trabalhadores, ao invés de se deixarem levar pelas falsas ilusões da mídia e da indústria cultural da classe dominante, que anestesia por todos os meios o potencial rebelde e criativo que existe nos jovens trabalhadores ⁴⁵⁰.

Em relação à *mística e juventude*, ao sistematizar algumas lições da luta pela terra, Ademar Bogo também atenta para este assunto. Ao refletir sobre a *criação de mecanismos*

⁴⁴⁸ MST – Coleção Fazendo Escola. *Construindo o Caminho numa Escola de Assentamento do MST*. Porto Alegre, dezembro de 2000. p. 42.

⁴⁴⁹ Sobre os princípios de uma educação libertadora, as obras de Paulo Freire são referências, entre as quais: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

⁴⁵⁰ PIZETTA, Adelar João. Oziel: uma semente jovem! p. 12. In: BOGO, Ademar; PIZETTA, Adelar João; TROCATE, Charles. *Oziel e a Juventude do MST*. Setor de Formação do MST – Pará, 2006. p. 8-17.

para reter a juventude no campo, Bogo salienta que um dos grandes desafios do MST seria buscar alternativas, como educação, lazer, renda, dentre outros aspectos relevantes para que a juventude dos assentamentos não criasse a *ilusão* de ir para as cidades, achando que encontraria uma vida melhor. No seu entender, o Movimento necessitaria criar políticas que valorize, integre e qualifique a juventude, para que a mesma não precisasse sair dos assentamentos em busca de melhores condições de vida, ou em busca daquilo que deixa a desejar os assentamentos. Assim, o MST necessitaria também ser o Movimento da juventude⁴⁵¹. Neste sentido, a mística se configuraria como instrumento relevante.

Bogo ainda sublinha que o Movimento necessitava desenvolver uma mística que fizesse com que a juventude se sentisse pertencente ao Movimento. Isto é, como construtora de representações, a prática da mística auxiliaria na construção da identidade coletiva Sem Terra. Era preciso dar atenção aos jovens, e fazer, por meio da mística, que esses se sentissem pertencentes ao *corpo* chamado MST.

O MST deve pertencer aos jovens em todos os sentidos: econômico, político, ideológico, cultural, ético. *Precisamos, portanto, criar esta mística, onde a juventude se sinta parte deste patrimônio construído para libertar as futuras gerações*, prioritariamente, para que estes não tenham que repetir, com tristeza, a poesia de Belchior, ‘ainda somos o mesmo e vivemos como nossos pais’ (sublinhado meu)⁴⁵².

Elucidando algumas tarefas que poderiam ser assumidas pelos jovens nos assentamentos, Bogo entende a mística como um instrumento de *formação ideológica*, ao passo que ela possui a capacidade de fazer com que as pessoas se sintam bem e entendam aquilo que o Movimento espera de seus integrantes.

A juventude pode assumir também a responsabilidade de divulgar as idéias do MST, da reforma agrária e do socialismo, através da formação ideológica. Isto pode ser feito através de cursos, palestras ou de jornadas socialistas, quando brigadas de jovens se deslocam com o objetivo de organizar as jornadas socialistas *com muita mística, para que as pessoas dos assentamentos se sintam bem e, de fato, entendam, por alguns momentos, o que é viver no socialismo* (sublinhado meu)⁴⁵³.

⁴⁵¹ BOGO, Ademar. *Lições da Luta pela Terra*. Salvador: Memorial das Letras, 1999. p. 81.

⁴⁵² BOGO, A., *Lições da Luta pela Terra*, p. 82.

⁴⁵³ BOGO, A., *Lições da Luta pela Terra*, p. 96.

É notório que a mística entre os jovens necessitava *comunicar*, ou seja, falar aos sujeitos sobre a relevância da luta pela terra e da organização do Movimento. Mais que isso devia *tocar o coração e consciência* dos jovens. Nesta direção, atribui-se à mística novamente o *caráter educativo*. Como pesquisador, e observando o desenvolvimento de místicas em alguns momentos e espaços, um aspecto significativo se refere a como são vividos e sentidos os momentos de mística por aqueles que a fazem, que dramatizam a sua existência e a existência do seu grupo. Como expectador, digo que não haveria como explicar essa experiência, só mesmo quem a viveu poderia elucidar algumas sensações. Por ora, “são os gestos, os semblantes, a musicalidade da fala, a sensibilidade do olhar, a poesia corporal e outros sentimentos externados por quem faz parte da dramatização que materializa a celebração da mística”⁴⁵⁴.

Neste processo, todos os elementos necessários que estimulariam os sentimentos “não cabem na palavra proferida; além da palavra, há sempre a necessidade de um algo a mais que acenda uma chama e produza um fervor de sentimentos em quem está ali teoricamente como expectador”. Considerar a prática da mística unicamente como *encenação teatral* é minimizar sua relevância. A mística se tornou na organização do MST “muito mais que um simples jogo de palavras; é vida, e é algo que precisa se fazer vivo na prática de quem quer transmiti-lo, para que assim se processe também o seu caráter educativo”⁴⁵⁵. Adiante, ao buscar elucidar a relevância da mística para organização do Movimento e elencar a diversidade de espaços em que é objetivado o seu fazer, como será essa prática nos acampamentos e assentamentos? Quais são as orientações do MST para o desenvolvimento da mística nestes dois espaços? Refletir sobre estas indagações será o próximo desafio!

5.2. Acampamento e Assentamento: significados e sentidos da mística

O fazer da mística é distinto nos inúmeros acampamentos e assentamentos⁴⁵⁶ vinculados ao MST. Em alguns acampamentos e assentamentos, a mística é praticada; em contrapartida, em outros, devido à realidade local, é possível que essa prática não chame tanta a atenção dos sujeitos que ali vivem. A realidade e o contexto destes espaços são, por vezes, diferentes, não podendo generalizar todas as análises para todos os lugares, como se fossem

⁴⁵⁴ MEDEIROS, E. C. de., *A Dimensão Educativa da Mística Sem Terra*, p. 174.

⁴⁵⁵ MEDEIROS, E. C. de., *A Dimensão Educativa da Mística Sem Terra*, p. 174.

⁴⁵⁶ Há uma distinção entre *acampamento* e *assentamento*. Em síntese, o acampamento é um tempo transitório e indefinido, em que os sujeitos vivem acampados geralmente em barracos na beira de estradas, e ainda não conquistaram seu pedaço de chão. O assentamento é uma área fixa, legalizada e determinada para reforma agrária, em que os sujeitos já conquistaram seu pedaço de chão.

homogêneos. Fazer essa generalização seria negar a dinamicidade e as contradições que permeiam a realidade social dos acampamentos e assentamentos.

Para discutir algumas questões que envolvem a prática da mística no acampamento, utilizaram-se, principalmente, de narrativas de sujeitos que viveram no acampamento Madre Cristina. Pelo que se depreende das falas dos sujeitos, o Madre Cristina começou a ser organizado no ano de 2003. Não há um consenso entre os sujeitos sobre o mês que as famílias começaram a chegar; contudo, em uma tabela de dados divulgada no ano de 2003, em que traz informações sobre a quantidade de acampamentos no Brasil, divididos por Estado, é explicitado que o acampamento Madre Cristina, até então chamado Lagoão, foi organizado no dia 01/02/2003 e contava com 20 famílias⁴⁵⁷. O acampamento foi organizado às margens da rodovia Gerson Dourado de Oliveira e era vinculado à Regional do MST, localizada no município de Andradina – SP.

Nos dois primeiros anos de sua existência, o acampamento se chamava Lagoão, fazendo referência ao nome da fazenda que o grupo lutava para desapropriar. No entanto, a partir de 2005, o grupo resolveu mudar o nome do acampamento, pois seria contraditório continuar como o nome dado ao latifúndio que pretendia desapropriar. Como o MST, ao longo de sua história, desenvolveu o hábito de homenagear os *lutadores e lutadoras do povo*, colocando os seus respectivos nomes em acampamentos, assentamentos, escolas, dentre outros locais, em conjunto, os sujeitos que viviam no local resolveram homenagear Madre Cristina, fundadora do Instituto Sedes Sapientiae, falecida em novembro de 1997. Em sua trajetória histórica, o acampamento Madre Cristina, devido a decisões judiciais, se deslocou diversas vezes entre idas e vindas ao longo da rodovia Gerson Dourado de Oliveira. Nele, viveram centenas de famílias, e algumas destas encontram-se assentadas na região de Andradina.

Sobre a mística no espaço do assentamento, as discussões estão pautadas, em especial, nas entrevistas realizadas com alguns sujeitos que viveram no assentamento Estrela da Ilha e que haviam vivido no acampamento Madre Cristina, quando ainda se chamava Lagoão. Esse assentamento foi criado no ano de 2005 e abrigava duzentas e duas famílias, advindas de diversos acampamentos da região⁴⁵⁸. Do acampamento Madre Cristina, foram para este

⁴⁵⁷ *Acampamentos por Estado – Brasil – 2003*. Nessa tabela não contém informações sobre quem organizou e divulgou os dados.

⁴⁵⁸ O assentamento Estrela da Ilha era composto por famílias vindas dos seguintes acampamentos: Terra e Vida, Sete de Setembro, Três Barras, Lagoão (Madre Cristina) e Nova Conquista. Esses acampamentos tinham vínculos com a Regional do MST em Andradina. Ver: COLOMBA, Adriana de Souza et al. Caracterização do Assentamento Estrela da Ilha, em Ilha Solteira (SP). In: XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Anais da SOBER 2007. Londrina: UEL, 2007. p. 1-9.

assentamento aproximadamente 60 famílias. Como o assentamento era extenso, sua organização foi dividida por setores, tendo cada setor alguns líderes que, por sua vez, representavam os interesses de todo o assentamento. Na organização do assentamento, as famílias que vieram do acampamento Madre Cristina (Lagoão) formavam um dos setores.

Por parte da organização do MST, a mística necessitaria estar em todos os acampamentos e assentamentos, se inserindo como atividade fundamental nestes espaços. Em uma publicação analisada nos capítulos anteriores, chamada *A Questão da Mística no MST*, há o direcionamento para que a mística seja desenvolvida nos dois espaços. Alguns trechos revelam pistas de que a mística nos acampamentos e assentamentos era visualizada como *elo* entre os sujeitos e o Movimento. “Nos acampamentos e assentamentos deve-se buscar desenvolver uma mística própria e permanente para que não desestimule a participação. Pode-se criar o hábito de todos os dias colocar os companheiros em fila, hastear a bandeira e cantar o hino do MST”⁴⁵⁹. Na relação entre ser o elo entre sujeitos e MST, o fazer da mística, muito provavelmente, deveria preconizar os valores e ideais estimados pela organização do Movimento.

Na Regional do Movimento em Andradina – SP, conversando com Renê e Lourival, dois coordenadores que militam pelo MST na região há mais de 20 anos, observei que há orientações e estímulos para que os sujeitos que vivem nos acampamentos e assentamentos pratiquem a mística. As expressões *têm que ter a mística, teve muita mística e é preciso ter a mística* são constantes em suas falas. Ao ser indagado se haveria orientações para que se desenvolvesse a mística nos acampamentos e assentamentos, Renê ressalta com firmeza que *sim*, enfatizando que ela seria o *ânimo* e ajudaria na *organização*. Por este prisma, a visão de Renê se torna bem próxima das visões gerais que são traçadas nos materiais publicados pelo Movimento em relação à mística, ou seja, além de *animar* ela precisaria ajudar a *organizar* os sujeitos, para que se chegasse ao mundo em que o Movimento almeja construir. Desta forma, explicita:

Sim, sim, é, sempre né, sempre. É uma força muito grande, a mística, a força da mística tem contribuído muito aí, para *animar*, para *animar*, *organizar* assim, e tudo sempre nós fazemos isso aí, tem pessoas que preparam e tudo né, nos eventos tem muita mística, quando nós vamos fazer daqui a pouco assim, no Congresso aí em Brasília, no V Congresso, nossa assim é muita mística que vai, animação e tudo, onde nós colocamos assim o nosso sonho, expressamos o nosso sonho e vivemos isso aí, então a pessoa vivendo isso e participando disso aí ela se anima né, e mesmo assim em momentos de

⁴⁵⁹ MST – Coleção Saber e Fazer Nº 2. *A Questão da Mística no MST*. São Paulo, abril de 1991. p. 19.

dificuldades, de desafios e tudo a gente, a gente sempre coloca por cima o sonho, o sonho e objetivo nosso ⁴⁶⁰.

No momento em que foi construída a entrevista, os sujeitos, que integram a Regional do MST em Andradina, estavam se preparando para ir ao *V Congresso Nacional do MST*, realizado em junho de 2007, na Capital Federal, por isso que Renê destaca que iria ter muita mística e animação neste Congresso. Observa-se também em sua narrativa uma dimensão relevante que está ligada ao desenvolvimento da mística e que não pode ser negligenciada: ela por vezes *expressa os sonhos* dos sujeitos e da organização do MST. E, representando os sonhos dos sujeitos, os aproxima da realidade. Ou melhor, nas apresentações de mística os sujeitos teriam a possibilidade de dramatizar suas próprias vidas e viver antecipadamente o futuro que ainda está por vir. Esse futuro é projetado numa perspectiva coletiva, em que os trabalhadores e trabalhadoras, com muita luta e fé, conquistariam seu pedaço de terra e desfrutariam de uma vida digna e melhor para suas respectivas famílias. Em meio a tantas narrativas realizadas para a pesquisa, e em outras conversas informais, percebi que as mensagens e os sonhos representados via mística também se misturavam com outros desejos particulares dos sujeitos, sendo eles a possibilidade de *trabalhar para si mesmo*, de *poder cultivar determinado produto*, *criar algumas espécies de animais*, bem como outras questões subjetivas.

Ao ministrar *Cursos de Formação no MST*, e trabalhando assuntos relacionados à mística, o professor Rogério chama a atenção em sua entrevista para esta dimensão da mística, de modo que ela pode fazer com que os sujeitos vivam o futuro desejado pelo menos por alguns instantes. “Então esse adiantamento do tempo é a vivência do futuro por alguns instantes” ⁴⁶¹. Na mesma perspectiva, Ademar Bogo destaca que a mística teria a capacidade de “ligar aquilo que é com o que ainda será” ⁴⁶². Ou seja, por meio dessa prática materializariam os sonhos, os desejos, anseios, e um porvir tanto para a organização do MST, quanto para os sujeitos que acreditavam em seu projeto.

Sobre isso, ainda pode-se refletir que nas místicas haveria uma *relação dialética entre o abstrato e o concreto*. Bogo atenta para esta dimensão ao discutir a prática da mística e sua relação com o campo social e político. Conforme sua análise, nos momentos de mística haveria:

⁴⁶⁰ Renê. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Regional do MST em Andradina – SP, 23/03/2007.

⁴⁶¹ Rogério. Entrevista realizada por Maria Celma Borges. Assentamento São Bento, setor II. Pontal do Paranapanema – SP, 04/05/2002.

⁴⁶² BOGO, Ademar. *Identidade e Luta de Classes*. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 219.

[...] uma relação entre o abstrato e o concreto. O abstrato é um pensamento transformado em desejo de ver o concreto realizado. Antecipa aquilo que deverá vir-a-ser ao mesmo tempo que está sendo. A matéria ou a ação cumprem o papel de abrigar o desejo e de revelar a idéia que, no acontecer, se confunde com energia, ânimo, vigor, paixão, carinho ou sentimentos de descontentamento ⁴⁶³.

Transitando entre o abstrato e o concreto, a mística em forma de teatro ganharia uma dimensão material, expressando o que se almeja, ou que ainda existe como ideia. Nesta direção, a dimensão simbólica na prática da mística se tornaria carregada de muitos significados, de forma que estes necessariamente deveriam estar intrinsecamente ligados ao projeto de sociedade que o MST almeja construir. Não obstante, se a mística teria a capacidade de projetar o futuro, e vivê-lo ao menos por alguns instantes, a *imaginação* se tornaria elemento fundamental na junção *abstrato/concreto*. Assim, como já foi dito no terceiro capítulo, na mística é preciso imaginar, fazer do abstrato um ponto de partida para o concreto. No processo de imaginar, os sujeitos materializariam os seus sonhos, desejos e esperanças por meio da mística. Para tanto, ao imaginar, não se poderia esquecer das conquistas, bem como daquilo que o Movimento vem tentando construir ao longo de sua história. Sobre as palavras de Bogo, nota-se que, na mística, o *imaginar* necessita trazer sempre à tona também os valores e visões de mundo do MST:

Imaginar é colocar-se à disposição da criatividade. Imaginar cenários na política e colocar as forças em movimento para alcançar o que foi previsto; imaginar conquistas, ambientes diferentes, melhores condições de vida; imaginar um mundo sem violência, onde direito rima com respeito; imaginar as tecnologias controladas, a serviço da preservação, em que o ser humano, como intermediário entre o ontem e o amanhã, age com responsabilidade garantindo as condições para que a humanidade possa seguir sua caminhada. Imaginar é fazer nascer fatos, forjar acontecimentos, fenômenos não previstos, é buscar nas inexistências do presente as condições para fazer as existências futuras ⁴⁶⁴.

No plano dos sonhos, do imaginar, das utopias revolucionárias, a mística ultrapassaria fronteiras. De acordo com Christine de A. Chaves, sua prática é uma forma de antecipar as coisas e criar uma vontade coletiva, sobretudo, naquilo que contemplaria os planos e objetivos do MST. Com essa interpretação, a mística no Movimento visaria unir a vontade coletiva com a ação. Ou melhor, o sentir com o agir.

⁴⁶³ BOGO, A., *Identidade e Luta de Classes*, p. 220.

⁴⁶⁴ BOGO, A., *Identidade e Luta de Classes*, p. 226.

A letra insiste: para encontrar esse lugar difícil de achar é preciso sentir, crer e partir, pôr-se a caminho. Como dita a poesia: esse lugar *acontece*, resulta de um fazer criativo. E evidencia-se num saber, pois que ‘terra de educar’. O saber/sentir que faz acontecer esse lugar é ponto de partida e de chegada, assim como acompanha o percurso: repartir ‘chega pra ser’. Essa prefiguração de um porvir, cuja antecipação cria uma vontade coletiva, unindo para ação, é a realização da mística⁴⁶⁵.

Na mística, há sempre um investimento em expressar aquilo que é real e aquilo que seria possível com muita luta. O propósito da mística é fazer com que os sujeitos acreditem em seus sonhos, na esperança de conquistar seu pedaço de chão, e para aqueles que sonham junto com o MST, na revolução. No desenvolvimento das místicas, os sujeitos poderiam representar o sonho de uma vida melhor. Ela seria então, entendida como uma prática que aproxima o presente de um futuro que está por vir. É interessante ressaltar que nas místicas, o presente (realidade) e o futuro se entrelaçam, dando dramaticidade e harmonia às apresentações. A realidade é representada às vezes de uma forma muito brusca, com cenas de morte, opressão e tortura. Também na mesma mística, pode haver o contraste desta cena, em que o mundo que há de vir se aproxima, reinando a paz, o fim das desigualdades sociais, enfim, um mundo digno, em que todos os trabalhadores e trabalhadoras sem distinção poderão gozar.

Se a prática da mística teria a capacidade de *antecipar o futuro*, é possível dizer que ela também prepara os sujeitos para algumas situações que poderiam chegar a vivenciar. Quando destaco isso, penso nos momentos complicados e perigosos que cerceiam a luta pela terra, como, por exemplo, os confrontos com policiais, as tensões que envolvem as ocupações, as represálias de jagunços, e no limite da luta, até a morte. Nas narrativas edificadas, principalmente com os sujeitos acampados, em alguns momentos das falas, apreendi algumas pistas que pudessem subsidiar esta discussão.

Ao longo dos seus 48 anos, vivendo há um ano e quatro meses no acampamento, seu Antônio lembrava com entusiasmo das ocupações que havia participado. Não só no momento de gravar a entrevista, mas em outras ocasiões informais, sempre conversávamos sobre as ocupações e os inúmeros *causos* que as envolviam. Seu Antônio disse que nas ocupações que havia participado tinha mística todos os dias, sendo elas apresentadas de acordo com o momento, trazendo em suas mensagens ocasiões em que os sujeitos poderiam vivenciar com aquela manifestação⁴⁶⁶. Na mesma direção, o jovem Leandro, 22 anos, casado, dois filhos,

⁴⁶⁵ CHAVES, C. de A., *A Marcha Nacional dos Sem Terra*, p. 83.

⁴⁶⁶ *Antônio*. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina, Itapura - SP, 12/01/2007.

que vivia no acampamento há aproximadamente dois anos e um mês, ressaltou na entrevista que além do acampamento, ele tinha visto as apresentações de mística nas ocupações ⁴⁶⁷, sendo elas preparadas particularmente para aquele momento. Elas enfatizavam momentos tensos que envolviam as ocupações, como possíveis conflitos com policiais, jagunços.

A narrativa de Ricardo (Carrapicho) é bem elucidativa a respeito de a mística construir representações sobre o que os sujeitos poderiam vivenciar. Alterando sua voz, no intuito de demonstrar convicção naquilo que estava dizendo, Carrapicho ressaltava que a mística era muito importante para os acampados na luta pela terra.

Com certeza, ela representa o dia-a-dia da gente, porque tanto como foi aquele Eldorado dos Carajás, a luta deles, aquilo reflete no que se, se o pessoal, se o povo do MST fosse um fraco e covarde com aquela chacina tinha parado, e começou de lá pra cá, e nós não tamos deixando ela para tão cedo, e a mística vem lembrar o que? Que aquele passado, *aquilo que eles passaram a gente pode passar daqui pra frente*, só que aqui ninguém vai desistir não, por que tamos a fim de lutar, por isso que a mística é importante, alguns [fala incompreensível], mas quando vem assistir e acompanhar o que é uma mística *aprende o que já passaram e o que pode acontecer daqui pra frente*, então a mística é muito importante dentro do Movimento ⁴⁶⁸.

É possível observar em sua narrativa que a mística, além de representar o dia-a-dia dos acampados, se caracteriza como uma prática que possibilitava aos sujeitos ter em mente o que eles poderiam vir a passar nos embates pela terra. No caso, Carrapicho compara a luta no acampamento Madre Cristina com a luta que ocorrera em 1996, no município de Eldorado dos Carajás, estado do Pará, em que 19 trabalhadores rurais sem-terra foram mortos por policiais. Percebe-se que o mesmo se sente pertencente àquele grupo que lutou no tão conhecido *Massacre do Eldorado dos Carajás*, e que a história dos paraenses poderia ensinar muito aos sujeitos que viviam no acampamento Madre Cristina. Através da mística, Carrapicho destacava que os sujeitos aprenderiam o que já se passou, *e o que pode acontecer daqui pra frente*, inclusive o perigo de morte em meio às lutas.

Tendo uma experiência particular com a mística, a narrativa de Sônia, 50 anos, três filhos, que vivia no acampamento há mais de dois anos, possibilita ir adiante à questão da *morte*, no sentido de que a luta pela terra poderia vir a ser muito conflituosa e violenta, em que muitos trabalhadores e trabalhadoras poderiam chegar a morrer nos embates. Sônia

⁴⁶⁷ Leandro. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina, Itapura - SP, 13/01/2007.

⁴⁶⁸ Ricardo (Carrapicho). Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina, Itapura - SP, 13/01/2007.

assistiu uma mística que representava os perigos da luta pela terra e a morte de muitos companheiros. Essa mística marcou muito sua vida, pois através dela, pode perceber que por vezes a morte é algo latente nas lutas, e que todos estão propensos a ela nos momentos de conflitos. Em suas palavras, pode-se visualizar parcialmente como foi o fazer dessa mística, que veio a marcar tanto sua vida:

Eu tenho uma mística que marcou muito, foi quando eu fui a Presidente Prudente. Essa mística foi muito bonita, é uma mística que fala sobre a luta, *e ali eu vi muitas morte, e essa mística ela marcou pra mim*. Eles fazia uma roda, ai saia todos de mão dada e ia pra dentro de um quarto escuro e lá tinha uma televisão e um vídeo que estava mostrando a morte dos companheiro, dos companheiro caindo morto. Então essa mística marcou muito na minha vida, eu vi, e ali nós tinha o coco, cada coco daquele tinha um fogo e cada fogo daquele significava o que? O nome de um companheiro que morreu naquela luta, então foi uma coisa muito marcante pra mim essa mística ⁴⁶⁹.

Enquanto uma prática que *projeta*, ou *expressa* os sonhos e as esperanças dos sujeitos, na mística, as dimensões coletivas e individuais se misturam, assim como os sonhos e projetos dos *sujeitos comuns* com a organização do MST. Nas palavras dos sujeitos comuns entrevistados, as lembranças dos momentos de mística sempre estão associadas ao desejo da terra, das plantações e da criação de gado, ao cotidiano do acampamento e do assentamento, como também das histórias de lutas e ocupações. Esses sujeitos não associavam a prática da mística ao ideal de transformação de sociedade, mesmo que em vários momentos destacavam alguns assuntos fundamentais trabalhados pela organização do Movimento. Em contraposição, os coordenadores constantemente reforçavam a ideia de que a mística deveria ser feita visando também à transformação da sociedade. Quando perguntei ao Lourival se poderia falar um pouco sobre a mística no MST, partindo de sua própria experiência como militante, foi possível captar algumas destas questões.

A mística. É muito difícil falar da mística porque exatamente nesse sentido, a mística é difícil, é uma coisa que vem ligado a questão de sentimento, que tem uma origem um pouco da religiosidade, da espiritualidade, mais para a luta da reforma agrária a mística é, é você está potencializando como se fosse irrigando cada dia o sonho, a esperança de chegar a vitória, da terra, e no caso do Movimento a revolução, da transformação da sociedade brasileira, além da terra, porque nós sabemos que inclusive a conquista da terra não basta, ela precisa, digamos ter outras conquistas, outras mudanças na sociedade brasileira pra construir uma sociedade justa, inclusive com distribuição da terra, porque o capitalismo na fase atual ele é, ele inviabiliza

⁴⁶⁹ Sônia. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina, Itapura - SP, 13/01/2007.

a pequena agricultura, ele inviabiliza, inclusive tá inviabilizando a reforma agrária, e, mas como ele também não dá resposta as necessidades das grandes massas, quer dizer, ele não resolve integrar toda a sociedade de forma justa, nunca vai ser justa no capitalismo, ele então precisa ser mudado, e a reforma agrária é importante dentro disso e milhões de brasileiros sonha com ela e vamos continua lutando por ela, nós aqui na região estamos fazendo isso⁴⁷⁰.

Analisando a fala de Lourival, é possível perceber que ele não extrai da mística o seu *caráter misterioso*, aspecto este que torna tão complicado falar sobre ela. Em sua fala, destacava alguns aspectos ligados a essa prática como a *espiritualidade*, o *sentimento*, o *sonho* e a *esperança*. Porém, se tratando da luta pela reforma agrária e de outras lutas que o Movimento vinha empreendendo, sublinha com clareza que a mística deveria ser potencializada para a *revolução*, ou a *transformação da sociedade brasileira*. Desta forma, a mística era visualizada como elemento fundamental que auxiliaria na luta contra o capitalismo. Não obstante, observei que o entrevistado preferia não falar na *emoção*, mas sim em assuntos objetivos sobre a relação mística e MST⁴⁷¹.

Nos acampamentos e assentamentos, assim como nos demais espaços em que é objetivado o seu fazer, a mística é valorizada por ser o *ânimo* nas lutas. Trabalhando com um conjunto de fontes orais, produzidas entre os anos de 2007 e 2009 com sujeitos acampados e assentados, foi possível verificar que no acampamento Madre Cristina havia a prática da mística, mesmo que em alguns períodos não com tanta frequência. Em contrapartida, em relação aos sujeitos que viveram no acampamento Madre Cristina (que na época se chamava Lagoão), que conquistaram seu pedaço de chão e foram viver no assentamento Estrela da Ilha no ano de 2005, observei que os mesmos não continuaram com a prática da mística no assentamento, a não ser algumas apresentações logo no início, quando entraram na terra. Os assentados e assentadas lembravam-se da mística no tempo em que eram acampados no até então acampamento Lagoão, e essas lembranças sobre a mística eram muito vagas. Diante desta problemática, será que os sujeitos não dão tanta importância para a mística quando conquistam a terra? O fazer da mística se dá com maior intensidade no acampamento? E como eram feitas estas místicas no período do acampamento e assentamento?

⁴⁷⁰ Lourival. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Regional do MST em Andradina – SP, 23/03/2007.

⁴⁷¹ No que tange às diferenças de percepções sobre a mística no MST, é plausível citar o trabalho de Nadir Lara Junior. Ao pesquisar a mística que fundamenta as ações e sonhos do Movimento, o autor observou diferenças de discursos entre coordenadores, sujeitos que desenvolviam e que assistiam as místicas no MST. As lideranças não demonstravam muitos sentimentos ao falarem das místicas, entrado em contraposição com os *sujeitos comuns*. Para saber mais, ver: LARA JUNIOR, Nadir. *A mística no cotidiano do MST: a interface entre religiosidade popular e política*. 2005. 154 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Diante das indagações, num primeiro momento, ressalto que por mais que haja orientações por parte da organização do MST para que se desenvolva a mística em todos os espaços, o seu fazer não se configura de maneira plena em todos os seus acampamentos e assentamentos. Foi possível perceber este fato tanto nas entrevistas realizadas com as lideranças, quanto com os sujeitos que viveram no acampamento e assentamento pesquisados. No início do ano de 2009, pesquisando na Regional do MST em Andradina, tive a oportunidade de fazer uma segunda entrevista com Renê ⁴⁷². Nesta ocasião, enfatizando a importância da mística nos acampamentos e assentamentos, Renê explanou que por mais que o MST priorize que esta prática seja desenvolvida em todos os espaços, isso “não quer dizer que todo mundo faz direito assim” ⁴⁷³. O fato de dizer que nem todo *mundo faz direito* seria uma evidência para pensar que a mística também tem seus limites, não chegando a todos os lugares e nem cativando todos os sujeitos do Movimento. A fala de Renê apontava também para a ausência da mística em muitos acampamentos e assentamentos da região.

Em sua experiência como educador e militante do MST, o professor Rogério em sua narrativa tocou nesse assunto, no sentido de que em muitos acampamentos e assentamentos do MST, os sujeitos não se deram conta do grande valor que agrega a prática da mística. Em suas palavras, a mística é considerada um *exercício*, que deve ser trabalhado constantemente, caso contrário, corre-se o risco de *enferrujar*. A sua fala é de ânimo, visando que a prática da mística iria crescer e ocuparia os espaços do dia-a-dia nos acampamentos e assentamentos. Entretanto, esse *ânimo* se imbrica ao *desapontamento* de que ainda muitos não a valorizavam.

[...] infelizmente alguns ainda não se deram conta desse valor, dessa importância e alguns outros ficam *enferrujados por falta de exercícios da mística da vida*, mas nós acreditamos que enquanto existir Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, a mística sempre tenderá a crescer, ocupar seus espaços no dia-a-dia dos acampamentos e assentamentos ⁴⁷⁴.

Analisada a rede de entrevistas para a construção deste trabalho, percebi que a grande maioria dos acampados e assentados entrevistados vivenciaram experiências com a mística, tanto no acampamento, quanto em outras atividades e ações do MST. Aliás, muitos pesquisadores e pesquisadoras que tiveram como objetos de estudos acampamentos e

⁴⁷² Essa segunda entrevista com Renê realizei em conjunto com o pesquisador Andrey M. Martin.

⁴⁷³ Renê. Entrevista realizada por Fabiano Coelho e Andrey M. Martin. Regional do MST em Andradina – SP, 06/01/2009.

⁴⁷⁴ Rogério. Entrevista realizada por Maria Celma Borges. Assentamento São Bento, setor II. Pontal do Paranapanema – SP, 04/05/2002.

assentamentos do MST, puderam constatar a presença desta prática nestes espaços ⁴⁷⁵. Na época em que o acampamento se chamava Lagoão e depois que passou a ser chamado de Madre Cristina, por meio das entrevistas, observei que a mística se fazia presente naquele espaço.

Por ocasião da realização das entrevistas no acampamento, a mística já não estava sendo praticada, conforme relatado em todas as narrativas concedidas. Ao serem indagados se conheciam a mística praticada no MST, e se no acampamento havia a realização dessa prática, a expressão: “fizemos várias, agora esses dias tá parado, mas nós já fizemos várias mística”⁴⁷⁶, era constante entre os acampados e as acampadas. Seu Manoel foi mais incisivo em sua resposta: “ah já, mas não continuou, começou, mas não continuou” ⁴⁷⁷. O interessante é que quando perguntei ao seu Manoel se conhecia ou já tinha visto uma apresentação de mística, num primeiro momento, ele não se lembrou das apresentações feitas no acampamento, precisando outro acampado que estava ao lado (Jorge) recordá-lo.

Ao longo dos seus 72 anos, divorciado, sem filhos, casado apenas uma vez, mas com uma decepção profunda em seu matrimônio, seu Manoel me impressionou durante a entrevista. Vivendo há mais de dois anos no acampamento Madre Cristina, e durante os seus últimos dez anos em acampamentos da região de Andradina, este *velho homem* se demonstrava muito cansado. Com uma grave doença, a *diabetes*, e sem familiares a quem recorrer, aquele acampamento era a única alternativa para viver. O engraçado, ou traumático, é que Manoel dizia que pra ele não adiantava mais a conquista da terra, pois não iria ter forças para trabalhar. Naquele instante, a vida no acampamento era como se fosse o único lugar *digno* que lhe restou para passar o resto de sua vida. Notei que os acampados o acolheram como se fosse um *menino adotado*.

Em quase uma hora de conversas, a entrevista com seu Manoel foi uma das mais divertidas (as histórias que me contou pareciam surreais), e uma das mais tristes que realizei. No término estava baqueado, não tinha palavras, e na noite chuvosa e fria daquele dia, se preparando para dormir num barraco de lona, comecei a repensar até o próprio sentido da

⁴⁷⁵ Sobre acampamentos do MST cito os seguintes trabalhos: SCHMITT, Claudia Job. *O Tempo do Acampamento: a construção da identidade social e política do “colono sem-terra”*. 1992. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre; e TURATTI, Maria Cecília M. *Os Filhos da Lona Preta: identidade e cotidiano em acampamentos do MST*. São Paulo: Alameda, 2005. Sobre assentamentos sugiro a leitura de: LARA JUNIOR, Nadir. *A mística no cotidiano do MST: a interface entre religiosidade popular e política*. 2005. 154 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo; e VENDRAMINI, Célia R. *Consciência de classe e experiências sócio-educativas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. 1997. 291f. Tese (Doutorado em Educação) – UFSCar, São Carlos.

⁴⁷⁶ *Sônia*. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina, Itapura - SP, 13/01/2007.

⁴⁷⁷ *Manoel*. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina, Itapura - SP, 13/01/2007.

vida, e no quanto o homem pode se desumanizar, ou melhor, no quanto um sistema criado pela minoria pode enxotar da vida social milhões de pessoas como seu Manoel. O seu Manoel se tornou uma referência para refletir no quanto homens e mulheres são privados da *terra de trabalho*, ou que teriam a oportunidade de conquistar seu pedaço de chão tardiamente. Ao lembrar-se da mística no acampamento, percebeu-se que seu Manoel não demonstrou entusiasmo com aquela prática. Assim, por mais que a mística seja considerada o *ânimo* na luta pela terra, ela não conseguiu minimizar de todo as dores e o cansaço de sua longa e sofrida vida.

O fato de não estar tendo a mística naquele momento era justificado pela ausência de algumas pessoas, especialmente por famílias que tinham se mudado para outro acampamento, que haviam sido contempladas com um lote em assentamentos da região, ou que por variados motivos haviam desistido momentaneamente da luta. Os relatos dos sujeitos eram muito parecidos em relação às apresentações de mística entre o grupo.

Oh, há três mês atrás a gente fez mística muito bonita, fazia mística muito bonita, mais depois uma família pego terra e foi embora, e vinha os rapazinho, moça, jovem, sabe mas agora ele foram embora e o povo que ficou, *e o povo que ficou já não ta fazendo mais*, porque já não tem mais aquela manifestação de pessoa interessada, parou ⁴⁷⁸.

Naquele lá, no primeiro, naquele que nós estava, até mesmo porque era mais a juventude que fazia né, então as meninas andaram casando, outras andaram indo embora e acabou a juventude que tinha aqui, então era elas quem preparavam tudo, tinha um grupo de jovens, e elas ensaiava e preparava tudo, e antes da assembléia elas apresentava, *hoje não tem mais, elas foram embora tudo, casou e acabou, sempre tinha* ⁴⁷⁹.

Quando Maria de Lourdes diz que: *naquele lá, no primeiro, naquele que nós estava*, sua fala faz referência a outro local que o acampamento Madre Cristina se encontrava, não se tratando de acampamento diferente. Algo salutar a destacar é que nos mais de sete anos de existência do acampamento Madre Cristina (Lagoão), houve diversas ordens judiciais para que os acampados mudassem de lugar. Assim a história desse acampamento foi construída entre idas e vindas às margens da rodovia Gerson Dourado de Oliveira. Mas, retornando à discussão, analisando as narrativas citadas, entende-se que os sujeitos acampados tiveram experiências com a mística, mas que nos últimos meses essa prática tinha se *esfriado* entre os acampados. Nesta perspectiva, há algo interessante para se refletir: se não estava havendo

⁴⁷⁸ Giselda. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina, Itapura - SP, 12/01/2007.

⁴⁷⁹ Maria de Lourdes. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina, Itapura - SP, 12/01/2007.

mística devido a alguns sujeitos terem se mudado do acampamento, isso leva a pensar que o desenvolvimento da mística nos acampamentos, e também nos assentamentos, depende muito se há uma equipe que se interessa, prepare e assuma essa *tarefa*. Ao serem indagados se gostavam da mística, os sujeitos ressaltavam que adoravam e achavam importantes as apresentações. No entanto, não a praticavam no momento porque não havia pessoas para criar e efetuar a mística, especialmente os jovens.

Na história do acampamento Madre Cristina, ainda quando ele se chamava Lagoão, esta prática era predominantemente assumida e desenvolvida pelos sujeitos mais jovens. Analisando algumas narrativas com os acampados e as acampadas, percebi em alguns momentos que a mística era visualizada como algo que os jovens deveriam fazer. Ao entrevistar os assentados e assentadas que já haviam vivido no acampamento, estes enfatizavam que as místicas também eram desenvolvidas naquele tempo pelo *pessoal mais novo*. A primeira entrevista que realizei com os sujeitos assentados foi com o seu Iran, conhecido mais como Pernambuco. No auge dos seus 49 anos, casado, tendo duas filhas e três filhos, Pernambuco foi o primeiro coordenador do acampamento e um dos seus primeiros moradores. A sua narrativa foi muito significativa para compreender como se deram os *primeiros passos* na construção do acampamento, bem como se desenvolvia a prática da mística naquele espaço.

No transcorrer de suas falas, Pernambuco e dona Maria, sua esposa, que estava presente à entrevista, e acabou participando em alguns instantes, destacaram que “tinha um grupo de jovens”⁴⁸⁰ que ficava responsável em realizar a mística. “Tinha o grupo de jovens”⁴⁸¹, dizia dona Maria. Os assentados e as assentadas, que foram entrevistados, de forma semelhante, ao serem indagados sobre a mística no tempo em que estavam acampados, fizeram referência à figura dos jovens no desenvolvimento da mística. Outra assentada que se chamava Maria Francelina, casada, 40 anos, destacou em sua narrativa que já tinha visto e participado das místicas no acampamento, e que “lá no acampamento Lagoão os meninos sempre fazia as místicas, os jovens, quando ia ter uma festa assim em comemoração, a do Incra, nos dias dos pais e nos dias das mães eles faziam mística”⁴⁸². Na época em que Pernambuco vivia no acampamento e que tinha como responsabilidade coordená-lo, havia o incentivo para que os jovens criassem uma equipe de mística. Eles até fizeram cursos sobre

⁴⁸⁰ Iran (Pernambuco). Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira - SP, 28/08/2008.

⁴⁸¹ Maria. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira - SP, 28/08/2008.

⁴⁸² Maria Francelina. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira - SP, 06/08/2009.

como desenvolver esta prática. Na conversa, a esposa de Pernambuco enfatizou que os jovens estudavam para fazer a mística, ao passo que a Coordenação Regional do MST tinha dado “até uns livrinhos pra elas estudar”⁴⁸³.

Mas como eram realizadas as místicas no acampamento? Como já foi elucidado neste trabalho, as apresentações de mística necessitariam estar de acordo com o local e com os participantes, no sentido de que estes pudessem se sentir parte integrante do momento. Isto é, os sujeitos precisavam *se ver e ser* sensibilizados com as apresentações, caso contrário, elas não teriam sentido em suas vidas. Tanto na época do Lagoão e, posteriormente, quando o acampamento passou a ser chamado Madre Cristina, com um grupo de acampados diferente, pude apreender, através das narrativas, que as orientações e formas dos sujeitos desenvolverem as místicas eram bem similares. Todavia, antes de analisar esta questão, houve uma entrevista com um assentado que chamou muita atenção e que se tornou contraditória as outras narrativas que efetivei no assentamento Estrela da Ilha.

Esta narrativa foi a do assentado Edson, 47 anos, casado, nasceu em Araçatuba – SP, mas viveu a maior parte de sua vida em Itapura, trabalhando como pedreiro e cortando cana para as usinas de álcool da região. No assentamento e fora dele, Edson é mais conhecido como Capitão. Nos momentos em que conversei com ele, que por sinal foi muito receptivo me convidando para almoçar por diversos dias da pesquisa de campo em sua casa, o seu apelido faz jus à sua personalidade. Capitão é uma figura bastante incisiva, sempre positiva frente às suas ações e discursos. Diz que sempre fala a *verdade* e sempre tenta se mostrar ser uma pessoa muito brava. Quando perguntei sobre a mística no MST, e se ele já tinha visto ou participado de uma mística, Capitão destacou que “não gostaria de falar sobre isso porque não sabia do que se tratava”, apenas tinha ouvido pessoas falarem sobre ela. E para minha surpresa, relatou que “não tinha mística no acampamento e no assentamento”⁴⁸⁴. Em algumas observações iniciais, tinha constatado que os sujeitos assentados não tinham continuado com a prática da mística, mas a surpresa se deu em relação ao acampamento, uma vez que todos os outros sujeitos entrevistados haviam dito que eles faziam a mística no local.

A contradição em sua narrativa me *tirou o sono* e fez com que eu refletisse muito, pois, se ele viveu no acampamento, como não tinha visto uma mística nas assembleias, comemorações, etc., tão evidenciadas em outras entrevistas? Sobre esta problemática, passei a trabalhar com prováveis interpretações. A primeira delas é se realmente Capitão era *morador*,

⁴⁸³ *Maria*. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira - SP, 28/08/2008.

⁴⁸⁴ *Edson (Capitão)*. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira - SP, 06/08/2009.

ou melhor, *viveu* no acampamento. Esta é uma questão delicada, haja vista que os sujeitos por vezes ficam receosos em falar que não viveram no acampamento, uma vez que um dos critérios fundamentais do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para escolha dos assentados está pautado no fato de os sujeitos terem lutado nos acampamentos. Ou seja, aqueles que estão na beira da estrada, debaixo de um barraco de lona, teriam preferência na distribuição de áreas para a reforma agrária. Pode ser que Capitão não tivesse contato com a mística porque não participava cotidianamente das atividades que envolviam o acampamento, o que não quer dizer que ele não auxiliasse o grupo, seja em qual situação fosse.

As fontes evidenciaram que a prática da mística era presente no acampamento Lagoão, mesmo que fosse desenvolvida apenas nas assembleias, que era comum serem realizadas aos domingos. Assim sendo, por outro lado, é possível interpretar que Capitão não queria falar sobre a mística devido ao fato dela não ter tido significado e sentido em sua vida. Ou, que não lhe chamava atenção. Por isso, no acampamento, não dava importância às apresentações. Ao se abster de falar sobre a mística, Capitão estava num direito seu, de não conversar sobre uma coisa que lhe era alheia e que não agregava significado para sua vida.

Sobre essa perspectiva de análise, insere-se outra reflexão interessante, e que de forma breve já foi destacada neste trabalho: por mais que a mística no MST se configure como o *ânimo* na luta, e que seja dotada de intencionalidades, ela também tem seus limites, não podendo alcançar todas as pessoas. Trocando em palavras simples, por mais que seja dotada de poder, não conseguiria *contagiar, animar* ou *tocar o coração* de todos os sujeitos. Neste caso, parece que Capitão se tornava um deles. Isso não minimiza a importância da mística nas atividades e lugares que integrantes do Movimento se fazem presentes. É provável que a mística não produza efeitos em todos aqueles que dela participam. Contudo, nas pesquisas de campo, observei que ela havia contagiado grande parte dos homens e mulheres que lutaram no acampamento pesquisado e que consciente ou inconsciente atribuíam a ela um papel de ser essencial nas lutas.

A entrevista de Capitão deixou-me incomodado, ou melhor, reflexivo. Ao fazer a pergunta, previamente tinha imaginado que ele saberia o que era mística. Não queria ouvir aquela resposta. Após a entrevista, poderia fingir que nada havia acontecido. Em contrapartida, ela proporcionou-me muitas reflexões, dentre elas a questão de que quando se trabalha com fontes orais, os pesquisadores, por vezes, já vão imaginando o que seu narrador pode falar. Em minha pouca experiência trabalhando com fontes orais, posso dizer que isso é um equívoco, e que pode ser empobrecedor aos trabalhos. Se tivesse esquecido a fala do

Capitão, perderia a oportunidade de abrir mais uma interrogação na pesquisa. E, sendo uma interrogação, necessariamente não precisaria ser respondida, mas, sim, ao menos problematizada. Essa análise configura-se como relevante também para pensar que não é viável dar respostas deterministas em estudos sobre os movimentos sociais, achando que todos os sujeitos que integram os grupos são homogêneos. Todavia, o fato de os sujeitos serem diferentes, também não quer dizer que os mesmos não compartilhem de experiências coletivas ou de pensamentos e ações similares.

Nas análises das fontes, foi possível perceber que a mística era desenvolvida no acampamento conforme a realidade do grupo. As apresentações geralmente eram feitas em momentos de comemorações, antes de reuniões, assembleias, enfim, momentos em que grande parte dos sujeitos estavam reunidos. Nas narrativas, encontram-se pistas de que os responsáveis em desenvolver a mística se preocupavam em representar a realidade do acampamento, mas também evocar representações numa perspectiva maior, lembrando as lutas históricas do MST, bem como aspectos inerentes à organização do Movimento. Os sujeitos entrevistados, quando perguntados sobre as místicas, como eram feitas e quais mensagens traziam, disseram aspectos semelhantes, uma vez que as apresentações estavam sempre direcionadas à realidade do acampamento, valores, princípios e visões de mundo do Movimento.

Os trechos de narrativas abaixo são de um assentado e uma assentada (Pernambuco e Maria Ivânia), que viveram no acampamento ainda quando este se chamava Lagoão, e de dois acampados (Carrapicho e Antônio) e uma acampada (Maria de Lourdes) que entrevistei no acampamento Madre Cristina, em 2007.

Tinha com o MST. O MST era dentro lá (acampamento), a gente fazia mística e chamava o Movimento, o MST pra representa, quando vinha um dos líder forte do Movimento, que vinha em uma assembléia nossa, *nós já tinha uma mística já pra representa aqueles povo que chegava*. Podia ser um, podia ser padre, podia ser um pastor, o movimento social quando vinha, era o Renê, o Lourival e etc. *Então a gente já tinha aquela mística, tanto pra representar um acampamento como pra leva em ocupação*, alguns atos que nós fazia na cidade, ai então nós já levava a mística direto do acampamento com a moçarada⁴⁸⁵.

Então, lá (acampamento) fazia organização, fazia as mística, colocava, às vezes no acampamento cada um plantava alguma coisa, assim, *colocava lá a produção dos acampados e fazia, é, representações, do sofrimento ali no acampamento* e tal, danças, tinha dança, eu não dançava porque eu não

⁴⁸⁵ Iran (Pernambuco). Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira - SP, 28/08/2008.

danço, mais tinha outros que dançava. Ah! Lá também tinha um grupo de jovens, um grupo de jovens também ⁴⁸⁶.

Quando tem a celebração das reuniões, a juventude, os mais velhos, a gente senta e faz uma mística, sempre que pode tem uma mística, *uma mística envolvendo o dia-a-dia dependendo do acontecido*, a gente faz uma mística em cima daquilo e tem uns dias da celebração do MST que a gente tem marcado, as datas, *ai faz as mística voltado pro dia da celebração, que seja o dia dum, dum, como foi a morte do, do, lá no Pará, do Paraná*, esses acontecido a gente faz as mística devido aos acontecimentos ⁴⁸⁷.

A mística é como se planta, como se colhe, é o fazendeiro e o agricultor, o fazendeiro e os sem-terra, existe vários tipo entendeu? Depois da colheita ai coloca o arroz, o milho, a abóbora, a mandioca, tudo que se produz na terra é mística feita, cada pessoa carregando, apresentando a todos (fala incompreensível) se tem dez é, apresentado pra aqueles dez, se tiver cem é apresentado pros cem, *faz da enxada, da foice, tem vários tipo* ⁴⁸⁸.

Oh, elas *faziam mais assim representando* a vida, da pessoa que entrava aqui, por exemplo, a primeira vez que entrava, ou *o sem-terra ajudando outra pessoa*, tipo assim, tava um bêbado lá na rua caído, lá não tinha pra onde ir tudo, os sem-terra chegava lá, ajudava, chamava, levantava, levava lá, botava o bêbado dentro de um barraco, porque aqui a gente faz isso. Outro dia passou um senhor aqui com as mala nas costa ai com fome e tudo, nós tava fazendo uma sopa, que nós fazia uma sopa pra ajudar né, e nós chamo ele pra fica aqui, ele posou aqui, tomou sopa com nós, ele tomou que tava com fome, tomo a sopa, espero nós fazer, tinha uma barraco de apoio que nós tem a chave, ela tinha a chave (se referindo a Sônia, outra acampada), e pomos ele pra dormir lá, ele dormiu, no outro dia viajou com nós, nós ia em uma viagem pra Andradina pra faze uns documento lá, e ele ia naqueles rumo lá, que tinha uns parente lá, só que tava indo a pé, não tinha dinheiro e a gente deu carona no ônibus, nós foi e levou ele até lá, deixando ele lá. *Então a mística era mais representando isso né, assim, os sem-terra ajudando um ao outro*, porque a gente ajuda, se passa aqui, se tiver com fome, o que a gente puder fazer a gente faz, *então representava isso, pessoas bêbadas, pessoas que tava na estrada sem come, a prostituta que abandonada também nas ruas, tiramos da rua e levamos pra um barraco*, era mais esse tipo de coisa ⁴⁸⁹.

As narrativas citadas mostram com clareza o quanto as apresentações de mística no espaço do acampamento poderiam ser distintas, dependendo da ocasião e do momento em que o grupo estava vivendo. Dona Vanda, que vivia acampada há mais de um ano e nove meses, a partir de suas experiências com a mística, sintetizou o quanto a mística no acampamento e em outras atividades que participou com o MST poderia ser dinâmica, salientando que “varia os

⁴⁸⁶ Maria Ivânia. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira – SP, 09/08/2009.

⁴⁸⁷ Ricardo (Carrapicho). Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina, Itapura - SP, 13/01/2007.

⁴⁸⁸ Antônio. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina, Itapura - SP, 12/01/2007.

⁴⁸⁹ Maria de Lourdes. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina, Itapura - SP, 12/01/2007.

tipo de mística, tem vários tipo de mística”⁴⁹⁰. Pensando nessa prática no acampamento, algo que chamou atenção nas falas desses sujeitos é que ela era desenvolvida *dependendo dos acontecimentos*, sejam eles no *cotidiano* do acampamento, ou até em acontecimentos *a nível nacional* do Movimento. A jovem assentada Kelly Cristina, 21 anos, solteira, que viveu há um ano e meio no acampamento pesquisado, participou do grupo de jovens e ajudava a preparar as místicas no local. Em sua narrativa, elucidou que o cotidiano do acampamento era a referência principal para se construir as místicas: “Nós usava o cotidiano nosso, do acampamento, ai nós montava, você fazia uma coisa o outro faz outra, e ai fazia, montava”⁴⁹¹.

A fala de Kelly vai ao encontro das outras narrativas dos sujeitos, já que as apresentações de mística no acampamento eram pautadas no cotidiano dos acampados, nas suas vivências, suas dificuldades, seus sonhos e objetivos em comum. Esta jovem durante a entrevista mostrou-se muito tímida, semelhante a tantos outros entrevistados que pareciam *amedrontados* com o gravador. Entretanto, ela e sua família trataram-me muito bem, com uma simpatia e um carisma digno de nota. Em nossa conversa, o que me impressionou foi o fato de saber que Kelly viveu catorze anos acampada, ou seja, dois terços de sua vida em baixo de barracos de lona e na beira de estradas. Deste modo, Kelly, seu pai Antônio e sua mãe Maria, se configuram como mais um exemplo de persistência e perseverança na luta pela terra. Por mais que viveram tristezas, angústias, indecisões, também presenciaram momentos de alegrias, de sonhos e de muita esperança nos mais de dez anos que ficaram acampados. E, naquele momento, eles podiam dizer que conquistaram o tão sonhado pedaço de chão, que para alguns sujeitos se transforma na *terra prometida*.

Não saindo do foco da discussão, entrecruzando as cinco narrativas compartilhadas anteriormente, encontram-se diversas pistas e elementos de como a mística era desenvolvida no acampamento. Essa prática procurava retratar o “sofrimento ali no acampamento, o dia-a-dia dependendo do acontecido”, representava “aqueles povo que chegava”, ou seja, os visitantes, pertencentes ao Movimento ou não. A mística também buscava mostrar “como se planta, como se colhe”, representava “o fazendeiro e o agricultor, o fazendeiro e os sem-terra”. Fazia parte da mística os frutos da terra como o “arroz, o milho, a abóbora, a mandioca”, e usavam-se a “foice, a enxada”, e outros instrumentos de trabalho inerentes ao campo. A narrativa de dona Maria de Lourdes elencou ainda que a mística fazia “mais assim representando a vida, ou o sem-terra ajudando outra pessoa”, e representava “pessoas

⁴⁹⁰ Vanda. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina, Itapura – SP, 13/01/2007.

⁴⁹¹ Kelly Cristina. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira – SP, 08/08/2009.

bêbadas, pessoas que tava na estrada sem come, a prostituta que abandonada também nas ruas”. Na mística, era preciso criar representações positivas do MST e do acampamento, demonstrando que com muita luta e confiança na organização, os sujeitos conquistariam uma vida digna.

Extraindo alguns trechos das narrativas dos sujeitos, torna-se compreensível que a realização da mística no acampamento se desenvolvia partindo da realidade local, das vivências e ações dos acampados, em torno de questões comuns ao trabalhador rural, bem como a relação destes com o poder dominante, ou seja, com os *fazendeiros* e, particularmente, na região de Andradina, com os *usineiros*. Para tanto, mesmo privilegiando a realidade local, as místicas não estavam desconexas com questões mais abrangentes que diziam respeito à luta pela terra em nível nacional (quando Ricardo (Carrapicho) faz menção às lutas e mortes que ocorreram no Pará e Paraná) e também à organização do MST. Sobre isso, volta-se à questão de que é sempre peculiar na mística representar os *dominantes* e *opressores*. As representações sobre a classe dominante são comuns, sendo estas constantemente pejorativas, criando uma imagem do inimigo que deve ser combatido. Este inimigo pode ser o latifundiário, a polícia, os jagunços, empresas multinacionais, o Estado, entre outros.

A intenção de trabalhar a mística numa perspectiva *micro* e *macro*, ou seja, partindo da realidade local para compreender uma luta maior, faz sentido, sobretudo, pelo fato de os sujeitos conseguirem apreender que participam de uma luta histórica maior e que, de certa forma, não estão lutando isoladamente. Para a organização do Movimento, é relevante trabalhar na mística dos acampamentos outras lutas externas, ao passo que os sujeitos possam se reconhecer também nestas lutas e interiorizar que são partes do mesmo grupo. Ou melhor, que são partes constituintes do *coletivo do MST*.

No que tange à mística no espaço do acampamento, saliento a importância que os sujeitos atribuíram a essa prática. Na construção das narrativas, com os acampados e assentados, foi possível observar nas falas que os sujeitos demonstravam certo *carinho* e *respeito* em relação à mística. Partindo de suas experiências, relatavam que a mística era muito relevante para o grupo, mesmo sem saber muito o porquê. Aliás, refletindo sobre as tantas narrativas, ousou dizer que as pessoas viviam mais a mística do que falavam sobre ela. Digo isso, principalmente, pelo fato de que os homens e mulheres que entrevistei tinham um pouco de dificuldade em falar sobre a mística, o que ela significava e as suas formas de desenvolvimento. Todavia, sempre procuravam relacioná-las com acontecimentos de suas vidas, do grupo, e com questões do cotidiano. Nesta perspectiva, viver a mística se torna mais

importante do que refletir sobre ela, tanto para os sujeitos que vivem nos acampamentos e assentamentos, quanto para a organização do Movimento.

São várias as expressões que revelaram a importância da mística entre os sujeitos. Como militante e coordenador do acampamento Madre Cristina, Odair, 41 anos, solteiro, uma filha, um dos primeiros a chegar e ajudar a construir o acampamento, ainda na época que se chamava Lagoão, explicitou que sem a mística o MST não resistiria a tanto tempo de lutas.

Ela é um dos setores mais importantes dentro do Movimento, é o seguimento do Movimento, o Movimento sem mística, não existia o Movimento, *sem mística não existiria o Movimento de maneira alguma*. Movimento sem a mística ele deixa de, a partir do momento que o Movimento não acreditar mais na mística, ou seja, não só o Movimento, mais quem faz parte dele, ai ele deixa de existir, porque o Movimento é místico⁴⁹².

Numa tentativa de demonstrar convicção em sua fala, Odair evidencia o quanto é significativa a mística no MST, e conseqüentemente para os sujeitos que o compõem em sua heterogeneidade. Ao dizer que “sem mística não existiria Movimento de maneira alguma”, vai além, pois destaca que o “Movimento também é místico”. O caráter “místico” associado ao MST, elencado por Odair, provavelmente, deve ser pelo fato dele resistir *misteriosamente* há tanto tempo num país eminentemente conservador, em que a criminalização dos movimentos sociais historicamente é frequente. Atribuindo a existência do MST à sua mística, visualizo, então, que, para Odair, *mística e MST* são partes constituintes da mesma moeda. Neste sentido, é que para a organização do Movimento a mística tomou a proporção de ser considerada a sua *alma*, sendo fundamental para sua resistência e organização.

No espaço do acampamento, a importância da mística ganha destaque, sobretudo, porque ela era responsável em *animar, renovar as esperanças, tocar o coração e levantar* aqueles que estariam desanimados. O *aspecto subjetivo*, isto é, da mística mexer com os sentimentos pode ser observado nas falas dos sujeitos, à medida que alguns até se emocionavam ao falar sobre as apresentações. Essa emoção, na maior parte dos momentos, não era expressa por lágrimas, mas sim por silêncios, quando se observava que os sujeitos lembravam algumas coisas significativas ao serem perguntados sobre a mística. Em sua fala, Sônia destacou que a mística “é importantíssima, todo o acampamento deveria fazer uma mística toda a semana, todo final de semana deveria ter uma mística, porque o que mexe com

⁴⁹² Odair. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina, Itapura - SP, 13/01/2007.

o povo é a mística, porque ela é muito linda a mística”⁴⁹³. Nas palavras de Sônia, além de ser *linda*, a mística *mexia* com os sujeitos acampados. Em suas pesquisas, sobre a mística no cotidiano do MST, Nadir Lara Junior ressaltou a importância da mística no que se refere ao *despertar de sentimentos* entre os sujeitos, visando à organização dos mesmos, seja em qualquer momento. Em sua compreensão, nas apresentações de mística, os sentimentos dos sujeitos *entrariam em ebulição*.

Por isso podemos afirmar que a mística mobiliza os sentimentos das pessoas, pois nesses rituais, apresentam situações que tem um valor afetivo para elas. Os símbolos apresentados, geralmente são aqueles usados no cotidiano, ou que se assemelham com a luta das pessoas em permanecer na terra. Participar de uma mística seria como se os *sentimentos entrassem em ebulição* e se uma liderança convocasse os participantes a entrar na luta, poucos titubeariam, pois essa mobilização desperta um certo ‘encorajamento’ para enfrentar as dificuldades e obstáculos⁴⁹⁴.

O acampado Jorge, 19 anos, solteiro, que vivia no acampamento há mais de um ano e três meses, lembrando da mística, dizia que para além de *reivindicar* e *relembrar* alguns acontecimentos, a mística mostrava que os sujeitos que lutavam pela terra eram *gente*, ou melhor, seres humanos. Demonstrando emoção em sua narrativa, enfatiza que a mística era pra “renovar as forças, e pra gente mostrar que a gente é gente, a gente é ser humano e tem o mesmo direito de reivindicar o nosso pedaço de terra”⁴⁹⁵. Além de *renovar as forças*, a mística ajudaria também os homens e mulheres do acampamento a se *afirmarem enquanto gente*, ser humano, contrariando a ideia estigmatizada por grande parte da sociedade que são baderneiros e vagabundos.

Numa visão semelhante, Maria Ivânia disse que gostava muito das apresentações de mística, e em sua narrativa, por alguns instantes, observei algo *marcante* que perpassava outras falas dos sujeitos entrevistados: a mística *tocava o coração*. E, se *tocavam*, as representações, via mística, poderiam *entrar* em muitos corações dos homens e mulheres que estavam lutando por seu pedaço de chão. Conforme a observação de Maria Ivânia, as mensagens que eram desenvolvidas na mística entravam “no coração das pessoas, das pessoas que estavam ali assistindo”⁴⁹⁶. Se as mensagens *entravam* o coração das pessoas, ou seja, mexiam com seus sentimentos, os momentos de mística eram sublimes, em que os sujeitos

⁴⁹³ Sônia. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina, Itapura - SP, 13/01/2007.

⁴⁹⁴ LARA JUNIOR, N., *A mística no cotidiano do MST*, p. 132.

⁴⁹⁵ Jorge. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina, Itapura - SP, 14/01/2007.

⁴⁹⁶ Maria Ivânia. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira – SP, 09/08/2009.

canalizavam suas forças para resistir, projetar seus sonhos e objetivos, mesclando-os com os ideais e visões de mundo do MST. Na época em que viveu no acampamento, ela percebeu que os outros companheiros e companheiras do acampamento gostavam da mística, e que achavam importante o seu fazer. Ao dizer o porquê da importância de se realizar a mística no acampamento, ressaltou: “Porque é uma cultura, uma cultura que às vezes o acampado ele muitas vezes fala assim: ah, será que vai sair aquela terra? Através daquela mística ele pode se levantar, porque traz uma história, ali na mística é contada uma história”⁴⁹⁷. Analisando suas palavras, à mística era atribuída a dimensão de ser o *fôlego*, tão necessário para ajudar os sujeitos a se *levantar* diante dos desânimos. Através das apresentações, os sujeitos poderiam ver e ouvir uma mensagem e *recarregar* suas forças, ou, *conhecer histórias* de luta pela terra semelhante a que estavam vivenciando, até perceberem que não estavam sozinhos nas lutas.

Para seu Iran (Pernambuco), que era coordenador do acampamento, se não tivesse mística antes das assembleias, ela não era a mesma coisa, ou, de acordo com sua narrativa, “não prestava”. Ao ser indagado se a mística era importante no acampamento disse: “É importante sim, se a gente tivesse uma assembleia e não tivesse a primeira representação da mística, a assembleia ela não prestava. Ela só era boa com a mística”⁴⁹⁸. A percepção de seu Iran em relação à prática da mística no acampamento foi um pouco distinta dos outros sujeitos, especialmente dos que não tinham cargos de liderança naquele espaço. A sua visão era projetada mais em relação à organização e às histórias de luta, não entrando muito em questões subjetivas. Entretanto, destacou um ponto interessante para pensar a mística em alguns espaços como reuniões, assembleias, encontros, congressos, etc. Em sua compreensão, “a mística preparava o clima”. No caso, Iran chamou a atenção de que a mística era um momento em que as pessoas se sentiam bem, por isso *o clima* se tornava favorável, seja para quais atividades que fossem desenvolvidas posteriormente.

O preparar o clima elucidado por Iran vai ao encontro das palavras de Renê, quando diz que a mística, seja em qualquer circunstância e espaço, dava *o tom*. “Por que a mística ela joga, ela dá o tom da coisa, ela dá o tom da coisa, se você trabalha bem isso aí, o conteúdo que você coloca, você dá o tom da coisa, impressiona né, diz mais que as vezes os discursos, sim nós trabalhamos isso”⁴⁹⁹. O *dar o tom*, ou *dar o tom da coisa*, repetido duas vezes por Renê, se refere ao poder de comunicação da mística, criando representações e transmitindo

⁴⁹⁷ Maria Ivânia. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira – SP, 09/08/2009.

⁴⁹⁸ Iran (Pernambuco). Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira - SP, 28/08/2008.

⁴⁹⁹ Renê. Entrevista realizada por Fabiano Coelho e Andrey M. Martin. Regional do MST em Andradina – SP, 06/01/2009.

mensagens aos sujeitos. Por vezes, 15 minutos de mística, pode ser mais eficaz do que um discurso falado por uma hora. Por essa interpretação, a mística se tornaria fundamental para a organização do MST, devendo estar em todos os espaços em que integrantes do Movimento se fizessem presentes.

Em contrapartida, apoiado nas concepções de Walter Benjamin, o qual salienta que a história não é linear, nem tão pouco homogênea⁵⁰⁰, constatei que a prática da mística perde força de realização em alguns espaços, principalmente nos assentamentos. Na busca de fontes, encontrei um documento muito interessante para refletir sobre a intenção do Movimento para que essa prática se efetive nos assentamentos. Sendo uma *Cartilha* de publicação interna, o documento é bem significativo para refletir sobre a relevância da mística na organização do MST, bem como em relação ao redimensionamento de alguns discursos produzidos pelo Movimento.

A publicação é destinada à organização dos *assentamentos individuais*. Ao analisar um conjunto de diversos textos e fontes sobre o MST, não foi difícil observar que o Movimento sistematiza um perfil, ou uma idealização para seus assentamentos, calcada no chamado *assentamento coletivo*⁵⁰¹. No entanto, nem sempre o projeto do Movimento é o mesmo que das milhares pessoas que o integra, ou que somaram forças junto à sua organização para conquistar seu pedaço de chão. O projeto de assentamento coletivo, na maioria das vezes, é refutado pelos assentados. Porém, o MST não almeja perder o apoio e o vínculo com os assentamentos individuais, muito pelo contrário, vem criando alternativas para integrá-los junto às políticas do Movimento, bem como ajudá-los de acordo com seus limites.

Nesta perspectiva, sabendo da complexidade que abarca a relação *assentamento individual e coletivo*, publicou uma cartilha direcionada ao trabalho nos *assentamentos individuais*, intitulada *Como Organizar os Assentamentos Individuais*. Na publicação são tratados diversos assuntos práticos, como, por exemplo: atuar na organização dos assentamentos, na produção e comercialização dos alimentos, na criação de sistemas de cooperativas, como resolver alguns conflitos internos, sobre o trabalho de formação política e

⁵⁰⁰ Para Walter Benjamin: “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “ágoras” (...). Ela é um salto de tigre em direção ao passado” (*Obras Escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política*, v. 1, São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 229).

⁵⁰¹ O assentamento coletivo é uma política que o MST vem construindo ao longo do tempo em sua organização. A organização, produção e rendimentos do assentamento são dados de forma coletiva, em que há a divisão de rendimentos proporcional ao tempo de trabalho de cada sujeito envolvido. Para saber mais sobre as contradições, ambigüidades, caminhos e descaminhos que perpassam a organização dos assentamentos de reforma agrária, ver: MEDEIROS, Leonilde S. de; ESTERCI, Neide (Orgs.). *Assentamentos Rurais: uma visão multidisciplinar*. São Paulo: Editora da UNESP, 1994; e FERREIRA, Vera Lúcia S. Botta; ALY JUNIOR, Osvaldo (Orgs.). *Assentamentos Rurais: impasses e dilemas. Uma trajetória de 20 anos*. São Paulo: ABRA/UNIARA/INCRA, 2005.

de base, sobre a venda de lotes, dentre outros assuntos. Neste material, dentre os diversos assuntos, há um espaço dedicado “a prática da mística nos assentamentos individuais”, como se ela fosse imprescindível para a organização e na formação política dos sujeitos. Sobre a mística nos assentamentos, ela deveria buscar:

- _ Motivação à luta política/transformação social
- _ Pertença à organização do MST
- _ Motivação ao trabalho/Produção
- _ Desenvolver outros valores como a solidariedade, companheirismo, boas relações pessoais, afetividade ⁵⁰².

Orientando a prática da mística nos assentamentos individuais, o material é enfático ao dizer que é preciso desenvolver a mística em todas as atividades, extraindo os seus elementos dos *aspectos culturais, religiosos e ideológicos*. Assim, a mística necessitaria partir da realidade local dos assentamentos, respeitando também valores culturais dos assentados. Ainda, nesta direção, a prática da mística era pensada para auxiliar nos trabalhos desenvolvidos nos assentamentos, bem como para tentar criar um *vínculo de pertença* entre os sujeitos e o Movimento. Nota-se também que essa prática deveria estar voltada para as crenças e visões do MST. Para tanto, não é por acaso que o Movimento valorize tanto a mística, ao ponto de reservar espaços para discuti-la em diversos materiais publicados. Pelo que se depreende nas análises, a mística vem produzindo efeitos em sua organização desde o seu surgimento.

Como já foi explicitado, as orientações e discursos em relação à mística têm seus limites, e enquanto adentra-se ao universo dos assentamentos ligados ao MST, é possível perceber que em muitos lugares a prática da mística perde força. As narrativas produzidas no assentamento Estrela da Ilha, com os sujeitos que viveram no acampamento pesquisado, ofereceram subsídios para chegar a essa interpretação. Não só aqueles que estavam vivendo no assentamento demonstraram essa questão, apreendi isso nas conversas que tive com os Coordenadores Regionais do MST, na cidade de Andradina. Ao destacar que a mística expressava os sonhos dos sujeitos que lutam pela terra, Lourival, sem ser perguntado sobre essa questão, numa espécie de *desabafo*, salientou que era difícil realizar a mística nos assentamentos.

⁵⁰² MST – *Como Organizar os Assentados Individuais*. São Paulo, julho de 1994. p. 11.

Da mística precisa, porque ela é que mantém o sonho, o sonho de você superar os desafios, as dificuldades, então as práticas das místicas, *apesar de que no assentamento você passa a ter uma relação bem mais difícil*, porque a lógica da produção pro mercado, a lógica de, da maioria das famílias que quando conquista a terra, ela acredita que agora ela já conquistou seu sonho, isso também leva a ela de certa forma a um certo individualismo, e esse individualismo também leva a uma certa, é (pensando), *afastamento da mística*, porque a mística tá ligada ao sonho, a esperança de você conquistar algo, de você chegar a algum lugar. Quando você acha que você já chegou, então a mística ela se torna um pouco desnecessária, e isso leva aos assentamentos a uma grande dificuldade hoje em dia, *mais é um desafio a ser superado é a mística dentro dos assentamentos*, que nós temos construído, tentando construir através do cooperativismo, do associativismo, da organização dos trabalhadores, pra tentar recuperar e restabelecer uma mística dos assentados, *porque ela é diferente da mística dos acampados*, porque precisa, aliás, precisamos reconstruir essa mística, e o Movimento tá atento pra isso a nível nacional, pra *reconstruir uma mística dos assentamentos*⁵⁰³.

A narrativa de Lourival não era extemporânea, ou não estava deslocada da realidade dos assentamentos que estavam sob responsabilidade da Regional do MST, em Andradina. Apesar de sistematizar a pesquisa com um grupo de sujeitos que viviam no assentamento Estrela da Ilha, a realidade elucidada por Lourival se estendia a tantos outros assentamentos da Região. A prática da mística nos espaços dos assentamentos é bem mais complicada de se encontrar, ficando a sensação de que quando se chega à terra, os sujeitos se *afastam* da mística. Do ponto de vista dos coordenadores do Movimento, sejam eles quais forem (regional, estadual e nacional), a falta de mística nos assentamentos era um *desafio a ser superado*, como bem pontuou a narrativa acima. Ao dizer que a mística nos assentamentos “é diferente dos acampados”, Lourival nos fornece pistas para refletir que nos acampamentos a prática da mística se dava com mais facilidade, devido à própria condição em que o grupo se encontrava. O fato de os sujeitos estarem vivendo em barracos de lona, em condições adversas, contribuiria para que estes estivessem mais sensíveis em relação à mística, à medida que ela representaria suas esperanças e sonhos. Essa *diferença* também está pautada no aspecto que já foi discutido no trabalho: as apresentações de mística precisam contemplar a realidade dos sujeitos. Assim, no assentamento, a mística deveria estar voltada para a realidade deste espaço.

Como coordenador do MST, Lourival demonstrou-se sempre positivo, dizendo que o Movimento estava atento e que iria trabalhar para “reconstruir a mística nos assentamentos”. Nas idas e vindas pelo assentamento Estrela da Ilha, conversando com os sujeitos assentados,

⁵⁰³ Lourival. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Regional do MST em Andradina – SP, 23/03/2007.

percebi que os sujeitos, que tiveram contato com a mística na época do acampamento (Lagoão/Madre Cristina), não continuaram com essa prática no assentamento. Logo no início do assentamento, no ano de 2004, houve algumas apresentações, entretanto, após os momentos de comemoração pela conquista da terra, o grupo assentado, que tinha sido acampado e conquistado seu pedaço de chão pelo MST, não continuou com a prática da mística.

Em todas as narrativas realizadas no assentamento, os sujeitos evidenciaram que a mística tinha parado naquele espaço. Aliás, não só a mística, mas tantas outras atividades, como, por exemplo, as reuniões semanais para discutir a realidade do grupo, alternativas para enfrentar as dificuldades, etc. Sobre isso, lamentando a falta de diálogo entre as famílias assentadas e lembrando-se da época do acampamento, seu Antonio Rocha explicitou que com a vinda para o assentamento, as atividades que eram realizadas no acampamento tinham “morrido tudo”⁵⁰⁴. E, esse *morrer tudo* pode até parecer meio que *exagerado*, porém, é um desabafo importante, e que revela sentimentos de saudade quanto ao companheirismo e solidariedade que existia no acampamento. Com isso, não se tem a pretensão de dizer que nos assentamentos não existam laços de companheirismo e solidariedade entre as famílias, a intenção é destacar que no acampamento essas características se revelaram com mais intensidade.

Quando perguntava sobre a mística no assentamento, se o grupo assentado pelo MST continuava a desenvolvê-la, as falas caminharam na mesma direção e eram bem semelhantes: “teve no início, no início, aí, as depois parou”⁵⁰⁵; “lá na sede, lá em baixo, teve uma vez que teve um encontro lá, e eles fizeram umas místicas lá”⁵⁰⁶; ‘não, ai acabou, é porque abandonou, o povo esparramou tudo”⁵⁰⁷. Esses pequenos trechos de narrativas sintetizam as falas dos outros entrevistados no assentamento. A mística teria se *apagado* naquele espaço, sendo desenvolvida apenas algumas vezes. Por ora, mesmo sem participar da mística por tanto tempo, os sujeitos lembravam-se das apresentações no tempo do acampamento. Ao dizerem que a mística era importante e que ajudava nas lutas, notei que muitas das representações construídas por meio da mística no acampamento, ainda tinham efeitos na vida dos sujeitos no

⁵⁰⁴ Antônio Rocha. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira – SP, 08/08/2009.

⁵⁰⁵ Iran (Pernambuco). Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira - SP, 28/08/2008.

⁵⁰⁶ Maria Francelina. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira - SP, 06/08/2009.

⁵⁰⁷ Antônio Rocha. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira – SP, 08/08/2009.

assentamento, como, por exemplo, o *vínculo e gratidão* ao MST, o *repúdio aos latifundiários*, à *burguesia*, aos *usineiros*, e a percepção de que só conquistariam algo se lutassem.

Aos 46 anos, dois filhos, casada, a assentada Wilma, assim como outros sujeitos entrevistados, também evidenciou em sua narrativa que a mística havia se *apagado* no assentamento. Sempre positiva, como uma militante do Movimento devia ser, Wilma não hesitava em falar que a prática da mística era fundamental na luta pela terra. Essa assentada tem uma história de vida bem interessante, pois era militar e dizia que odiava os sem-terra, mas, no momento, vivia em um assentamento de reforma agrária e sempre que possível participava das atividades empreendidas pelo MST. Em sua trajetória na luta pela terra, concluiu um *Curso de Formação* para se tornar militante no Movimento e destacou que havia trabalhado em diversos setores na organização do MST, contudo, foi nas *Equipes de Mística* que tinha mais prazer em trabalhar.

Quando fui entrevistá-la em sua casa, a receptividade e a simpatia foram marcantes. Poucos instantes antes de começarmos a nossa conversa, observei que Wilma havia feito um breve momento de mística para me receber. Estava sentado em seu sofá na sala e sem falar nada, passou em minha frente, pegou uma bandeira do MST que estava perto da porta, carregou-a lentamente até a janela da sala, que ficava ao seu lado e frontal a mim, desdobrou-a com cuidado e pendurou talvez o símbolo maior e mais respeitado no MST. Depois que passou este momento, estava pronta para iniciar nossa conversa e parecia que seu rosto e olhar haviam se transformado com aquele pequeno gesto, porém, carregado de significados.

Refletindo sobre os gestos de Wilma, ao estender a bandeira do Movimento antes de começar a entrevista, provavelmente, estava querendo dizer que não era só a Wilma quem iria falar, mas uma pessoa que fazia parte de uma organização maior chamada *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. E, em sua narrativa, é possível observar muitas questões particulares que se referem à organização do Movimento. Em relação à mística, até pelo fato dessa prática ter muito significado em sua vida, Wilma falava com muita empolgação. Entretanto, mesmo com essa empolgação não escondeu a ausência do *fazer* da mística no assentamento. Explicitando sobre a importância das místicas nos acampamentos e assentamentos, constatei algumas palavras que revelaram essa problemática.

Com certeza! Se sabe, ajuda e muito no acampamento, nos assentamentos, deveria ter, antes das reuniões deveria ter a mística, pra que isso não, porque se não vai ficando esquecido, *o povo vai esquecendo da mística*, mais tem que ter, tem que ter, porque *a mística ela dá força* pra você lutar, *ela dá uma paz* dentro de você, *dá uma segurança* pra você lutar, dá aquela vontade de

você, poxa vida não acabou, ela continua, *porque nós tamos assentados não acabou pra nós*, agora que nós temos que ajudar quem tá lá fora, então a mística faz parte, a mística é muito importante⁵⁰⁸.

O trecho da narrativa citado evidencia as percepções e sentidos da mística para esta assentada. Wilma atribuiu a esta prática uma relevância fundamental na luta pela terra, sobretudo, porque ela teria o poder de proporcionar a *força, a paz e a segurança* aos sujeitos em meio às dificuldades e adversidades que cerceiam as lutas. O aspecto *subjetivo* inerente à mística, de *mexer com os sentimentos e animar* os sujeitos, fica bem visível em sua fala. No que tange ao *desânimo* em desenvolver a mística no assentamento, a narrativa de Wilma, principalmente quando salienta que “o povo vai esquecendo da mística, e porque nós tamos assentados não acabou pra nós”, é interessante e significativa para refletir sobre esta questão. Ao dizer que o “povo vai esquecendo”, e que o fato de estar assentado não significa que “tudo se acabou”, remete à reflexão de que Wilma analisava o próprio cotidiano do assentamento. Isto é, suas palavras estavam pautadas em sua realidade, ou melhor, na realidade em que os assentados e assentadas se encontravam.

Outros pesquisadores também perceberam em suas pesquisas que a mística não é praticada com tanta intensidade nos assentamentos. Estudando a *mística no cotidiano do MST*, particularmente com sujeitos que viviam no assentamento *Zumbi dos Palmares*, situado no município de Iaras – SP, sob métodos inerentes à *Psicologia Social*, Nadir Lara Junior edificou um trabalho muito expressivo para se pensar a mística na organização do MST. Em suas análises, ressaltou que a *celebração* da mística *perde força* nos assentamentos, tendo como principal motivo o fato de os sujeitos já terem conquistado o seu sonho: *a terra*⁵⁰⁹. De forma semelhante, Célia R. Vendramini, ao pesquisar o assentamento *30 de outubro*, no estado de Santa Catarina, percebeu, através das narrativas de seus entrevistados, que os sujeitos praticavam a mística com maior frequência no tempo em que estavam acampados. No assentamento, o fazer da mística era realizado apenas em momentos especiais. As celebrações “traduziam a realidade dos sem-terra, eram momentos de reflexão, de motivação para a luta e de comemoração”⁵¹⁰. As pesquisas de Junior e Vendramini sinalizam para algo similar à realidade da mística no assentamento Estrela da Ilha.

Quais seriam os possíveis motivos para o enfraquecimento da mística nos assentamentos? Ou melhor, será que existia algum motivo? Será que a mística é uma prática

⁵⁰⁸ Wilma. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira - SP, 06/08/2009.

⁵⁰⁹ LARA JUNIOR, N., *A mística no cotidiano do MST*, p. 90-100.

⁵¹⁰ VENDRAMINI, C. R., *Consciência de classe e experiências sócio-educativas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*, p. 194.

que se tornaria mais relevante no acampamento? O fato de os sujeitos conquistarem seu pedaço de chão fez com que eles perdessem a vontade de fazer a mística? Partindo do pressuposto de que as realidades são distintas em cada assentamento, não é possível generalizar as interpretações para todos os assentamentos vinculados ao MST. Porém, através das análises, principalmente, em relação às narrativas dos sujeitos que viviam no assentamento Estrela da Ilha, foi possível traçar algumas reflexões. A princípio, não existiria um lugar que o fazer da mística se tornaria mais importante que outro. Em qualquer espaço que fosse desenvolvida, ela teria sua relevância, levando em consideração que o seu desenvolvimento não estaria desconexo com a realidade do grupo, nem tão pouco com a organização do Movimento.

Analisando as narrativas dos sujeitos assentados, reflito num primeiro momento sobre algo que Lourival já dissera em sua narrativa citada anteriormente: ao conquistarem a terra, muitos sujeitos, até pela própria divisão dos lotes e por algumas preocupações inerentes ao seu pedaço de chão, acabam tomando uma “postura individualista”, entrando em contraposição com o tempo de acampamento, em que as famílias tinham laços de solidariedade e de ajuda mútua, visando um objetivo comum: *a terra*.

Esse *individualismo*, no entender de Lourival, acaba causando certo “afastamento da mística”⁵¹¹. Na narrativa do assentado Antônio Rocha, ao dizer que os assentados tinham *abandonado* a mística, tal individualismo é expresso pela frase: “o povo esparramou tudo”⁵¹². O *esparramou* pode ser interpretado como se o povo (assentados) tivesse se *individualizado*. No assentamento, as famílias foram cuidar dos seus interesses e objetivos particulares, ou que envolviam apenas o seu lote. Esse acontecimento contraria por sua vez as experiências do ato de acampar, quando na maior parte das narrativas edificadas, com acampados e assentados, os sujeitos evidenciaram que no tempo do acampamento as famílias *pensavam juntas*, tinham mais objetivos e interesses em comuns, fazendo com que a prática da mística fosse cultivada e vivenciada com mais intensidade pelo grupo. Por ser uma prática coletiva, que também poderia ser vivenciada individualmente, a mística nos assentamentos perderia forças, à medida que cada família limitasse as suas visões para seu pedaço de chão.

Nas concepções do MST, prevalece a dimensão coletiva. Ou seja, a orientação é que mesmo quando se chega à terra, as famílias necessitariam continuar lutando juntas para novas

⁵¹¹ Lourival. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Regional do MST em Andradina – SP, 23/03/2007.

⁵¹² Antônio Rocha. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira – SP, 08/08/2009.

conquistas dentro do assentamento, lembrando sempre que “tem outros passos pra dar”⁵¹³, objetivando não caírem no *comodismo* e *individualismo*. Contudo, muitas dessas orientações têm seus limites e entraves no espaço do assentamento, à proporção que muitos sujeitos possuem historicidades e visões de mundo distintas, tanto para a vida de sua família como para o seu pedaço de chão. Os conflitos estariam presentes em qualquer espaço, seja no acampamento como no assentamento. Algo interessante que chamou a atenção, que foi destacada por alguns assentados, e vai ao encontro do que vinha discutindo, se refere ao fato de que no assentamento algumas pessoas “esquecem do Movimento, o que era no tempo da estrada”⁵¹⁴. As palavras de Edson (Capitão) foram bem elucidativas quanto a esse assunto:

Inclusive o povo (os assentados) parece que não gosta mais do pessoal do MST, não sei qual o motivo que tá acontecendo. *E depois que entrou na terra todo mundo quer ser individual um com outro, e antes quando tão na beira de uma pista são tudo irmãozinho, um colabora com outro, se um tá passando fome o outro vai e ajuda e mata a fome dele. Quando entra na terra todo mundo se abandona e ninguém faz mais por ninguém*⁵¹⁵.

Parece-me que a fala de Edson se configurava como um desabafo, uma frustração. Ao comentar sobre a realidade do assentamento, sua narrativa se apoia nas lembranças do tempo de acampamento, em que os sujeitos eram unidos e se solidarizavam mais uns com os outros. Fazendo uma comparação entre acampamento/assentamento, Capitão ressaltou o individualismo que permeava o assentamento e, como seu Iran, explicitava que muitos sujeitos “negavam” o MST naquele espaço, se esquecendo o quanto o Movimento foi relevante nas lutas, até que chegassem à conquista da terra. Se algumas famílias perderam o vínculo, ou não participavam mais das atividades do Movimento, é possível que isso possa ser outra possibilidade de interpretação quanto ao *desinteresse* dos sujeitos em desenvolverem a mística nos assentamentos.

Nesta direção, abre-se um apontamento sobre o que representava o MST no assentamento. Será que o Movimento tinha uma inserção significativa naquele espaço? Sua organização desenvolvia trabalhos junto aos assentados? Naquele momento, por meio das pesquisas de campo, realizando as entrevistas e até mesmo a partir de conversas informais com os sujeitos, foi possível notar que os coordenadores responsáveis pelo MST na região

⁵¹³ BOGO, Ademar. Quando Chegar na Terra. In: MST – CD *Arte em Movimento*. Manaus, SONOPRESS, 1998 (faixa N° 9).

⁵¹⁴ Iran (*Pernambuco*). Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira - SP, 28/08/2008.

⁵¹⁵ Edson (*Capitão*). Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira - SP, 06/08/2009.

não eram muito presentes no assentamento. Em momentos específicos como reuniões sobre produção, créditos agrícolas, dentre outras questões, alguns representantes do Movimento acompanhavam as discussões. Devido ao fato de a grande parte das famílias ter lutado em acampamentos vinculados ao MST, antes de conquistar seu pedaço de chão, o Movimento mantinha diálogo com a organização do assentamento, contudo, não realizava muitas atividades com os assentados. De uma maneira geral, pode-se dizer que, entre os assentados, especialmente com os sujeitos entrevistados, o Movimento tinha uma inserção considerável naquele espaço. Não se pode negar também que uma parcela dos sujeitos, por diversos motivos, não davam mais tanta importância à organização do Movimento, como foi explicitado na narrativa de Edson (Capitão).

O fato de a organização do Movimento não empreender muitas ações no assentamento Estrela da Ilha até certo ponto era compreensível, pois a área que abrange a Regional do MST em Andradina era muito extensa. Existiam muitos assentamentos e acampamentos vinculados ao Movimento na região e não havia tantos sujeitos que integravam a organização, se dedicando exclusivamente à militância do MST. Segundo Lourival, coordenador Regional e Estadual do Movimento no estado de São Paulo, em março de 2007, havia 22 assentamentos com aproximadamente 2300 famílias, e 14 acampamentos com cerca de 1200 famílias vinculadas ao MST na região ⁵¹⁶. Sobre isso, a organização do Movimento estava investindo na formação de lideranças dentro dos próprios assentamentos e acampamentos, visando que estes sujeitos desenvolvessem os trabalhos com os assentados e acampados. No assentamento pesquisado, alguns sujeitos se tornaram lideranças e procuraram fazer alguns trabalhos inerentes à organização do MST, como é o caso do seu Iran e dona Wilma. A ausência da organização do Movimento no assentamento Estrela da Ilha pode ter contribuído para que naquele espaço a mística não estivesse sendo desenvolvida. Os sujeitos que compunham a organização do MST, nesse processo, poderiam ser estimuladores para que essa prática fosse desenvolvida.

Em relação ao enfraquecimento da prática da mística nos assentamentos, observo ainda que, no caso do assentamento Estrela da Ilha, a própria realidade contribuía para isso, pois, naquele espaço, não havia muitos lugares para que os sujeitos se reunissem e desenvolvessem ações coletivas, como reuniões de jovens, grupos de mulheres, grupos de estudos, cooperativas, ⁵¹⁷ exceto em momentos esporádicos como bingos, festa de São João,

⁵¹⁶ Lourival. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Regional do MST em Andradina – SP, 23/03/2007.

⁵¹⁷ Algumas famílias do assentamento Estrela da Ilha são associadas à Cooperativa dos Assentados e Produtores Agrícolas da Região Alta Noroeste (Coapar), ligada ao MST e situada no município de Andradina - SP.

dentre outras festividades. Quando o MST organizava algumas ações (marchas, eventos, cursos e atos públicos) exteriores ao assentamento, os sujeitos eram convidados a participar e a somar nas lutas, sendo estes momentos significativos para de certa forma ligá-los ao Movimento.

Se os sujeitos não se organizavam para desenvolver ações coletivas, interpreta-se que o grupo carecia de motivações em comum. Nesta perspectiva, a mística perderia força, haja vista que, sendo uma prática coletiva, o seu fazer estaria impulsionado pelas ações coletivas. A mística por si só não era autônoma. Não haveria mística se não existissem outras ações e se os sujeitos não tivessem interesses, sonhos e projetos de futuro em comum. Se não havia ações coletivas no espaço do assentamento Estrela da Ilha, o desenvolvimento da mística estaria comprometido. A ausência de motivações em comum poderia ser um dos aspectos responsáveis pelo desânimo do grupo no que diz respeito à realização de tal prática.

Por ser uma prática que exige preparo e pessoas que sistematizem uma apresentação com uma temática definida, com um *alvo* a alcançar, e que de certa forma seja interessante e atraente, o desenvolvimento da mística não só no assentamento, mas em qualquer lugar necessitaria de uma *Equipe* que ficasse responsável em efetuar sua realização. Nos assentamentos, o fato de as famílias estarem *longe* umas das outras, não se comunicando com tanta intensidade, contribuiu também para a falta de cultivo da mística nesses espaços. A mística então dependeria muito do interesse dos sujeitos e de uma Equipe responsável em desenvolvê-la. Nas narrativas edificadas no assentamento Estrela da Ilha, os sujeitos atestam para a falta de um grupo que se responsabilizasse pelo fazer da mística, contribuindo, também, para um certo *apagar* desta prática naquele espaço. Sobre essa constatação, por que o MST não investia em uma equipe de mística naquele espaço? Essa indagação remete ao que já se discutiu anteriormente. Na organização do MST também existem limites, ou seja, os seus coordenadores e militantes não conseguem participar e desenvolver atividades em todos os assentamentos continuamente, seja por estes locais serem muitos esparsos, pela falta de condições econômica, o pouco efetivo de militantes para desenvolver esse trabalho, e até mesmo, em alguns casos, pela resistência do grupo assentado.

Os motivos, ou situações podem ser os mais distintos para a não realização da mística nos assentamentos, ou em qualquer lugar que sujeitos do MST se fazem presentes. Refletindo sobre as fontes, busquei sistematizar algumas possibilidades. Já que me remeti tanto ao assentamento e aos assentados nas análises, compartilho ainda um aspecto marcante que permeou as narrativas dos homens e mulheres que viviam no assentamento Estrela da Ilha.

A conquista da dignidade é significativa em suas falas, sobretudo, no que diz respeito à passagem do acampamento para o assentamento. Todos os sujeitos entrevistados disseram que estavam enfrentando muitas dificuldades no assentamento, entretanto, explanaram com alegria que suas vidas haviam se transformado com a mudança para aquele lugar. O assentamento se traduzia na morada da vida. Conquistaram não só a terra, mas a dignidade. Ter um lugar para viver, trabalhar e dali tirar o seu sustento era algo que resplandecia nas narrativas, como se a conquista daquele pedaço de chão fosse mesmo a chegada na *terra prometida*. Neste sentido, os assentamentos devem ser vistos não apenas por seu potencial produtivo, mas também por sua relevância social. Os sujeitos, diante de tantos problemas e dificuldades, não expressaram em nenhum momento que desejavam sair do assentamento⁵¹⁸, pois naquele pedaço de chão existia a soma de muitas experiências, desde o período do acampamento. Muitas das narrativas expressavam que conquista da terra era o primeiro passo rumo à *liberdade*, ou melhor, a oportunidade de os sujeitos organizarem seu próprio tempo e trabalharem para si mesmos.

⁵¹⁸ Não nego a existência de algumas famílias que se retiram dos assentamentos de reforma agrária, negociando seus lotes por variados motivos. Mas essa prática não pode ser generalizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na aventura em se estudar o MST, debruçei-me diante de várias dimensões e problemáticas que rodeiam esse movimento social. Quanto mais se procura conhecer sua estrutura organizacional, suas visões de mundo, seus projetos políticos, econômicos e sociais, mais complexa e, às vezes, ambígua acabaram se tornando as análises. No processo de construção de pesquisa, observei que o Movimento só existe porque é constituído de homens e mulheres em sua heterogeneidade. Ao chegar às *considerações finais*, assim como Hilton Japiassu, acredito que não há pesquisa que se esgote, “ela está sempre fazendo-se e construindo-se. Jamais atinge um estado definitivo. Uma produção científica acabada é um absurdo epistemológico”⁵¹⁹.

Como expus na parte *introdutória* do trabalho, as reflexões que orientaram a pesquisa centraram-se em compreender como o MST, na figura de seus principais coordenadores, em âmbito nacional, vinha pensando e sistematizando a prática da mística em sua organização. Por este viés, uma das preocupações centrais deste trabalho esteve pautada em entender como o Movimento se apropriou e ressignificou a mística em sua organização, a partir das suas lutas.

A prática da mística acompanhou o MST desde suas primeiras mobilizações, e o seu fazer ganhou destaque entre as tantas atividades e ações desenvolvidas pela organização do Movimento. Quando se participa de alguma atividade desenvolvida pelo MST ou se lê os seus materiais, é muito difícil não ouvir pelo menos uma vez a palavra *mística*. As expressões *fazer a mística*, *precisamos de uma dose de mística*, *não podemos deixar a mística morrer*, são comuns entre os sujeitos que integram o Movimento. Para um estranho (não pertencente ao Movimento), a primeira indagação que poderia vir à mente seria: “*mas o que é essa mística*”? Na escrita de toda a dissertação, essa pergunta foi uma preocupação constante, uma vez que procurei compreender melhor as formas de realização dessa prática e suas relações objetivas e subjetivas nas tantas atividades que o MST empreende, ou seja, suas intencionalidades e objetivos em seu fazer.

Nesta perspectiva, historicizei essa prática, pois a mística no MST não foi organizada de *uma hora para outra*, ou *não apareceu do nada* em sua organização. Atento a essa questão, nos dois primeiros capítulos da pesquisa realizaram-se discussões sobre o contato do

⁵¹⁹ JAPIASSU, Hilton. *O mito da neutralidade científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 26.

Movimento com a Igreja, ou melhor, com os *agentes religiosos* progressistas que prestavam assessoria aos movimentos sociais no campo, e a relevância desse contato para a organização do MST, inclusive na sistematização de sua *mística*.

No transcorrer do processo histórico, especialmente nas décadas de 1970 e 1980, ainda quando o país estava sob a intolerância e a truculência do Regime Militar e de seus simpatizantes, houve a emergência e a revitalização de diversos movimentos sociais, tanto no campo quanto na cidade. Questionando o poder dominante e lutando por dignidade, os sujeitos que participaram dos movimentos sociais deixaram de ser meros coadjuvantes e assumiram o papel de serem os próprios *atores* de sua história, criando *novas formas de fazer política*. No campo, as lutas pela terra foram intensas, as quais podem ser reveladas na diversidade de ocupações e acampamentos que cresciam em várias regiões do território brasileiro. Dentre essas lutas, em 1980, no Rio Grande do Sul, no acampamento Encruzilhada Natalino, e no extremo Oeste Paulista, a luta dos posseiros e posseiras da fazenda Primavera, no ano de 1979, podem ser considerados exemplos significativos da retomada da luta pela terra no Brasil.

Nesse contexto, muitas das ações da Igreja passaram a ser *para além da dimensão espiritual*, incentivando os sujeitos a se engajarem nas lutas, e sendo um apoio para libertação dos mesmos. As transformações nos discursos e práticas da Igreja foram frutos do próprio período político, econômico e social da época, e de uma nova forma de pensar a Instituição, sobretudo, a partir dos *princípios libertadores*. Ao expressar seu apoio aos marginalizados e excluídos, denunciando as atrocidades e mazelas que se processavam, a Igreja avançou consideravelmente em relação às causas sociais.

Inspirados pelo fenômeno da *Teologia da Libertação*, agentes religiosos progressistas contribuíram significativamente para o desenvolvimento e formas de organização dos trabalhadores rurais sem-terra. As CEBs e CPT *marcaram as lutas no campo*. A primeira se multiplicou por todo o país em fins da década de 1960. Partindo das realidades específicas dos grupos, sob a *Luz dos Evangelhos*, estimulava os sujeitos a discutirem sobre sua realidade. Pretendendo ser uma *comunhão entre iguais*, as CEBs não só discutiam a realidade dos sujeitos, mas procuravam alternativas para sanar as suas problemáticas. Assim, se tornavam espaços para que os sujeitos, em coletividade, construíssem reflexões críticas e transformadoras. No que tange aos pobres do campo, estes eram estimulados para a luta social, pois não seria apenas rezando que conseguiriam conquistar seu pedaço de chão, ou melhor, a tão sonhada *terra prometida*.

A CPT, criada em 1975, representou um grande avanço na luta pela terra. Desde sua criação, não há como estudar a luta pela terra no Brasil sem mencionar a relevância da Pastoral nesse processo. Sendo um organismo de dentro da Igreja Católica, porém de caráter ecumênico, suas ações tinham grande peso nas lutas, pois poderia falar em nome da Instituição e utilizar seus recursos materiais e humanos. A comissão nasceu com o intuito de servir, assessorar e articular as lutas dos trabalhadores rurais, apoiando-os dentro de suas possibilidades. Nessa direção, se configurou como um instrumento significativo para o crescimento organizacional e político dos trabalhadores rurais.

Ao lado e junto dos trabalhadores rurais sem-terra, a CPT apoiava suas ações e estimulava os sujeitos para que se organizassem coletivamente nos movimentos sociais. Como nas CEBs, as metodologias de trabalho utilizadas pela Comissão carregavam uma constante imbricação de conteúdos religiosos e políticos. Muitas analogias bíblicas eram refletidas tomando como base as especificidades das lutas dos grupos, objetivando com que estes agissem no presente. Neste caso, os discursos religiosos legitimavam e mobilizavam as ações políticas dos trabalhadores e trabalhadoras, visando conquistar a *terra prometida* por Deus.

Nos anos iniciais da década de 1980, sendo presenças marcantes nas lutas no campo, as CEBs e, sobretudo, a CPT, contribuíram de forma ímpar na organização e articulação de diversos grupos de trabalhadores rurais sem-terra, inclusive do MST. O contato profícuo entre agentes religiosos e o Movimento despertaria em sua organização o estímulo para o desenvolvimento de uma prática *valiosa* chamada *mística*.

Criado oficialmente em janeiro de 1984, no município de Cascavel – PR, o MST se insere no cenário brasileiro como um *movimento em movimento*, ou seja, a construção de sua história está em seu *dever*. No processo de sua criação, observa-se que ele não foi gestado de forma espontânea e desorganizada; pelo contrário, anos antes de sua oficialização, articulações de lideranças de trabalhadores rurais sem-terra de diversos estados, apoiados por sindicatos e pela CPT, planejavam a construção de um movimento nacional em prol da luta pela reforma agrária. No seu nascimento e organização, dois fatores foram fundamentais e preponderantes: a realidade política, econômica e social da época, e o já salientado apoio da Igreja em sua sistematização.

No contexto em que o MST foi gerado, a luta pela terra era a luta contra a *expropriação* e *exploração*. Entre as décadas de 1960-80, devido às políticas adotadas pelo Estado, que privilegiavam os grandes negócios, milhares de pequenos trabalhadores rurais foram expulsos das terras que cultivavam, através de distintas formas, causando tensão e

conflito no campo. Em meio ao cenário caótico que se processava, muitos movimentos sociais emergiram no campo, contestando a *expropriação* e *exploração*, também reivindicando seus direitos historicamente negados. Por esse prisma, o MST foi sendo organizado de *forma dialética*, em que as contradições sociais que permeavam o campo no período e o diálogo e articulação política dos trabalhadores rurais sem-terra foram basilares.

Sobre o papel fundamental exercido pela Igreja na organização do Movimento, até as suas lideranças reconhecerem a importância dos trabalhos desempenhados pelos agentes religiosos junto aos sujeitos sem-terra, é possível dizer que o MST nascera sob o signo da Igreja, ou melhor, sob os *princípios libertadores* que acompanhavam os agentes religiosos, que, por sua vez, creram na luta pela reforma agrária, apoiando e assessorando os trabalhadores e trabalhadoras nas lutas. Todavia, após a sua oficialização em 1984, houve uma preocupação por parte de sua organização em se afirmar enquanto *movimento autônomo*. Isto é, o Movimento decidiria suas ações por ele mesmo. Por parte do MST, mesmo que tenha se afirmado como autônomo, ele não abriu mão do diálogo e apoio dos progressistas da Igreja. Os religiosos teriam lugares específicos para atuarem, dependendo das circunstâncias. Os princípios libertadores e o apoio da Igreja eram muito significativos para o Movimento, pois, entre os sujeitos, tinham o *peso de verdade*.

Uma interrogação sobre essa relação estreita entre MST e Igreja, seria com relação ao fato de que se ainda haveria *discursos* e *práticas* no Movimento advindas desse contato. Após as análises, concluiu-se que, em diversos momentos de sua trajetória histórica, o MST se apropriou de discursos religiosos para legitimar suas ações. Em diversos materiais publicados foi possível encontrar discursos como *terra para quem nela trabalha*, *terra prometida por Deus*, dentre outros utilizados no âmbito dos trabalhos desenvolvidos pelos agentes religiosos na década de 1970/80. Em especial, as imagens analisadas do Caderno de Educação Nº 10, intitulado *Ocupando a Bíblia*, foram muito elucidativas quanto à recorrência dos discursos religiosos cristãos na organização do MST. Lutar pela reforma agrária seria lutar pela *transformação da terra de Deus em terra de irmãos e irmãs*. Nessa perspectiva, o Movimento se apropriou dos discursos religiosos e os ressignificou de uma maneira que contemplasse diretamente suas lutas. Por meio da utilização de muitos discursos religiosos, o MST incentivava os sujeitos a irem à luta e legitimava suas ações. Se Deus estivesse com os Sem Terra e apoiasse suas lutas, quem poderia estar contra eles?

Junto aos discursos, a *prática da mística* entre os sujeitos Sem Terra é fruto do contato entre agentes religiosos e MST. Dentre os trabalhos desenvolvidos pelos agentes religiosos, um momento relevante e que tinha grande aceitação entre os trabalhadores rurais sem-terra

era conhecido por *mística*. Essa prática era muito dinâmica e realizada de diversas formas, objetivando criar um clima harmonioso entre os sujeitos. Na CPT, as celebrações de mística eram feitas em forma de teatro, com cânticos, poesias e muitos símbolos. Ao prestarem assessoria e como responsáveis em animar as lutas, os agentes religiosos incentivavam as celebrações de mística, sendo estas ligadas às lutas dos grupos e suas experiências coletivas.

Conseguindo ter grande efeito entre os trabalhadores, a prática da mística no âmbito da CPT pautava-se no desenvolver da espiritualidade dos sujeitos. Mesmo que a Comissão atuasse politicamente, a mística como uma prática pastoral tinha uma dimensão no sentido transcendental. Dessa forma, poderiam haver na mística conteúdos políticos de contestação, mas o sentido espiritual era que norteava as apresentações nos trabalhos dos agentes religiosos. Nas celebrações, os sujeitos materializavam suas lutas, sonhos e esperanças.

Ao passo que o MST apreendeu a importância da mística nos trabalhos junto aos sujeitos, o mesmo se apropriou dessa prática. Sendo uma herança religiosa, a mística no Movimento, mesmo praticada de forma semelhante às celebrações de mística realizadas pela CPT, tomou outras conotações e sentidos. Ao se apropriar da mística, o MST ressignificou o seu fazer em torno de suas lutas, interesses e objetivos. É possível dizer que o Movimento começou a investir numa *mística própria*.

A partir do terceiro capítulo, a preocupação central no trabalho foi refletir sobre a mística no MST. Logo em seus primeiros anos, o Movimento começou a investir na sistematização e desenvolvimento da mística em sua organização. Por mais que reconhecesse a influência religiosa nessa prática, o MST procurou desvincular a *sua mística* do âmbito religioso. O Movimento também buscou teorizá-la, no intuito de construir sentidos para o seu fazer nas atividades desenvolvidas pelos sujeitos. À medida que a mística ganhava destaque, houve a necessidade de se refletir mais profundamente sobre ela, fato este que ocorreu na década de 1990 em diante. O Movimento teve uma preocupação intensa em orientar e construir recomendações de como deveria ser o seu desenvolvimento.

A mística para a organização do MST ganhou outros sentidos em relação à mística praticada pela CPT. No Movimento, essa prática foi sendo sistematizada privilegiando a dimensão política, mesmo que sua organização não retire dela o caráter de mistério, ou sua *misteriosa* capacidade de *motivar* e *animar* os sujeitos nas lutas. É atribuído à mística o seu *sentido sócio-político*, de almejar *visões e convicções profundas*, na qual deve sustentar a *utopia* e o *projetar de uma sociedade diferente*, conforme o entendimento do MST. Algo marcante nas publicações do Movimento sobre a mística, em especial nos escritos de Ademar

Bogo, se refere ao constante cuidado com o seu desenvolvimento, sobretudo, em razão de não desvincula-lá com as visões de mundo, interesses e objetivos do Movimento.

No MST, a mística estava sempre vinculada à prática (ação), sendo carregada de intencionalidades. A organização do Movimento visualizava a mística como uma prática que ajudaria a organizar os sujeitos. Nesse sentido, o seu fazer se tornou fundamental nas diversas atividades empreendidas pelo MST, se configurando como uma *necessidade no trabalho popular e organizativo*. Sensível e atento à relevância e ao *poder* da mística entre os sujeitos, o Movimento investiu consideravelmente em sua sistematização, direcionando-a profundamente para suas causas, auxiliando no trabalho com os sujeitos e em sua organização interna.

A mística é estrategicamente preparada, de acordo com uma temática e com a realidade do grupo para quem será apresentada. Os momentos de mística nunca devem estar desconfigurados do tempo, da realidade do grupo e do próprio Movimento, caso contrário, ela não produziria efeitos. Se a mística não contemplar a realidade do grupo, para qual está sendo apresentada, acaba não tendo sentidos para a vida dos sujeitos. Os integrantes do Movimento precisam se ver e serem reconhecidos na mística. E, se ela não preconizar aquilo que o MST deseja e intenta para sua organização, não se torna um *poder eficaz*. Para tanto, não é só fazer a mística, mas executá-la tendo um alvo a alcançar, criando representações sobre aquilo que se almeja para o momento, sempre pautado nos princípios e visões cultivados pelo MST.

Ao ser bem preparada e desenvolvida, a prática da mística se tornou *objeto de cultivo* no Movimento pelo fato dela *produzir efeitos positivos* em sua organização. No seu fazer, a mística ressoa uma riqueza significativa de significados e sentidos. Todos os elementos contidos em seu interior são utilizados de forma harmoniosa, objetivando criar representações sobre os momentos de luta e sobre a realidade social do grupo. Na mística também há um constante investimento em representar um mundo em que ainda está porvir, onde os trabalhadores e trabalhadoras conquistariam a tão almejada *terra prometida* e contribuiriam para a construção de um mundo melhor, justo e digno de se viver.

É necessário analisar a mística para além de uma *encenação teatral*, em que unicamente *beleza e estética* são vistas. A diversidade de elementos e distintas formas de se manifestar condensam no fazer da mística múltiplos significados. O teatro em si, as músicas, poesias e os símbolos sintetizam o que se quer expressar. Nesse sentido, torna a prática da mística dotada de poder, capaz de agir no real. Algo fundamental no desenvolvimento da mística é que tudo deve estar relacionado ao MST, estando a serviço do seu devir. A mística

representaria diversas questões sobre aquilo que o Movimento vem construindo ao longo do tempo, bem como as suas visões de mundo, concepções políticas e ideológicas.

Para a organização do MST, a mística se tornou um *elemento estratégico*. O *estratégico* está pautado no fato de que nos diversos espaços em que é realizada, ela possui suas intencionalidades. O estudo da mística é desafiador. Ao buscar erigir uma interpretação particular sobre a mística no Movimento, a analisei como uma *prática cultural e política* no MST, que se manifesta de forma diversa e plural. No fazer da mística, as dimensões *cultural* e *política* estão imbricadas e se processam como instâncias fundamentais para o entendimento da sua produção de sentidos e significados entre os integrantes do Movimento. Nesta direção, como uma prática cultural e política, o desenvolvimento da mística acaba se tornando um momento privilegiado em que se processam *construções de representações*. Ou seja, por meio da mística, o MST fundamenta e representa o seu mundo, e o mundo que está por vir através das lutas dos trabalhadores e trabalhadoras.

Construindo representações em todos os espaços, no celebrar da mística, o Movimento edifica suas visões de mundo, expressa os seus valores, normas e crenças, estabelece seus inimigos e aliados nas lutas, projeta o que espera de seus integrantes, dentre outras questões relevantes. A prática da mística é tão valorizada e se faz relevante e fundamental para o MST devido ao fato de que por meio dela o Movimento consegue se comunicar eficazmente com os sujeitos, evocando e ressoando representações. As representações são construídas através de todos os elementos que a compõem. No processo histórico, sendo um *poder eficaz*, a mística vem se consolidando como elemento relevante para a organização do Movimento e edificando significados e sentidos para a vida dos homens e mulheres que o integra em sua heterogeneidade.

No desenvolvimento da mística, existem dois aspectos fundamentais que perpassam todo o seu fazer, e que também são responsáveis por grande parte do êxito dessa prática na organização do MST. Por meio da mística, o Movimento investe na construção de sua *memória histórica* e de uma *identidade coletiva Sem Terra*.

O investimento em construir uma memória histórica distinta da *memória oficial* é recorrente no MST desde os seus primeiros anos. Nessa perspectiva, a mística se insere como uma prática relevante e fundamental, pois em sua realização são construídas representações sobre as lutas históricas, os mártires e heróis eleitos pela organização do Movimento. Por meio da mística, é perceptível que o MST busca construir uma *lógica histórica*, em que a sua existência ganha *densidade mítica*. O desenvolvimento da mística auxilia lançar o Movimento como *redentor da história*, herdeiro das lutas passadas, começando elas no Brasil Colônia. Ao

rememorar as lutas históricas e reverenciar os seus mártires e heróis, o MST utiliza a mística também para construir representações sobre os seus inimigos na luta pela terra. As representações sobre os adversários, ou aqueles que reprimem a luta dos Sem Terra é de praxe na mística. Deste modo, a prática da mística acaba se tornando ímpar para a construção da memória histórica que o Movimento sistematiza ao longo do tempo.

O investimento na mística se caracteriza também pela importância dessa prática no forjar de uma *identidade coletiva Sem Terra*. Simultâneo à construção de sua *memória histórica* (sendo a *memória* também um elemento constituinte da identidade), por meio da mística há o investimento na construção dessa identidade, em que os sujeitos são estimulados a *interiorizar os valores, visões de mundo e modos de ser particulares* que regem o *universo Sem Terra*. A mística é significativa e contribui para que os sujeitos reconheçam e interiorizem quem somos *Nós* (MST) e quem são os *Outros*. Tal prática proporciona momentos para que os sujeitos se sintam pertencentes ao Movimento.

A identidade coletiva Sem Terra extrapola o fato de os sujeitos não terem o seu pedaço de chão. Essa identidade é construída a partir de diversos elementos e situações, como a vida no acampamento e assentamento, nos atos públicos, nas marchas e ocupações, na incorporação de linguagens e hábitos particulares ao grupo, na interiorização de valores, normas, princípios e mecanismos que são intrínsecos à organização do Movimento. Nesse processo, sendo tudo relacionado à mística, o seu desenvolvimento se configura como um momento privilegiado em que erigem representações sobre todas as instâncias e dimensões que perpassam a construção da identidade Sem Terra. Para tanto, a mística se torna parte constitutiva desse processo.

O fazer da mística necessitaria estar em *todos os espaços e circunstâncias*. O estímulo para o seu desenvolvimento é constante. Para a organização do Movimento, o ideal é que a mística não seja realizada apenas em Encontros, Congressos e outros eventos empreendidos por sua organização. Ela não deve estar separada de outras atividades e lugares que fazem parte da vida cotidiana dos sujeitos. Por este prisma, o intento do MST é que essa prática auxilie e *produza efeitos* no dia-a-dia dos trabalhadores e trabalhadoras. São diversos os momentos e espaços em que o Movimento orienta para que se faça a mística, como nos *trabalhos de base*, na *formação de quadros*, nos *métodos de trabalho popular*, no *âmbito escolar*, nos *trabalhos com jovens*, nos *acampamentos e assentamentos*. Em cada um desses espaços e momentos, as visões e orientações para com a mística caminhavam em rumos semelhantes: o seu desenvolvimento deveria auxiliar nos trabalhos, tendo funções específicas em cada um deles, e fazer com que os sujeitos se sentissem bem no Movimento, objetivando

também que os mesmos conhecessem e incorporassem os valores e princípios que necessitam ter os integrantes do MST.

Ao pesquisar dois espaços específicos, bem como as experiências de alguns sujeitos que viveram no acampamento Madre Cristina e no assentamento Estrela da Ilha, pode-se tecer reflexões significativas sobre a prática da mística nesses espaços e em relação aos significados e sentidos da mesma para os sujeitos. No que tange ao acampamento Madre Cristina, por meio das narrativas analisadas, foi possível perceber que a maior parte dos sujeitos teve experiências com a mística, seja no acampamento ou em outras atividades organizadas pelo Movimento. Naquele espaço, a mística era desenvolvida de acordo com a realidade do grupo, podendo ser distinta, dependendo da ocasião e momento. Os responsáveis em pensar e desenvolver a mística procuravam representar a realidade do acampamento, enfatizando o dia-a-dia, as maiores dificuldades, os momentos marcantes, as conquistas, os frutos da terra, enfim, os acontecimentos e questões relevantes que o grupo vivenciava, ou poderia vivenciar. As narrativas dos sujeitos revelaram também que, na mística desenvolvida no acampamento, havia representações sobre as lutas históricas, valores, princípios e visões de mundo do MST. Nesse sentido, a mística buscava representar a luta *local* do grupo, sem desvinculá-la da luta maior que o Movimento vem construindo historicamente. Essa relação em trabalhar a mística numa perspectiva *micro* e *macro* poderia fazer com que os sujeitos compreendessem que não estavam lutando isoladamente e que eram parte de um mesmo *corpo*, chamado *coletivo do MST*.

Observei que as lembranças em relação à mística estavam associadas ao *desejo da terra* e o que ela poderia lhes proporcionar. Por este viés, essa prática, por vezes, representava os sonhos e projetava o futuro dos sujeitos e da organização do Movimento. E, representando os sonhos e projetando o futuro, a mística tinha a capacidade de aproximá-los da realidade. Dramatizando suas próprias vidas, os sujeitos poderiam viver antecipadamente o futuro que ainda estava por vir. Dentre os sonhos e desejos dos sujeitos, a possibilidade de *trabalhar para si mesmo*, plantar alguns dos *seus alimentos*, ter *criação de animais*, poderem oferecer uma *vida digna aos filhos*, entre outras, eram questões que perpassavam grande parte das narrativas. Com a mística, os sujeitos e o grupo materializavam seus sonhos, desejos e um futuro melhor e digno para sua família. Nesse processo, não poderia esquecer-se das conquistas e o que o MST vinha construindo historicamente.

Os sujeitos que viveram no acampamento pesquisado evidenciaram *carinho* e *respeito* pelos momentos de mística. Sem pestanejar, a maior parte relatou que a mística era muito importante para o grupo. Os sujeitos procuravam viver mais a mística do que falar sobre ela.

Ao buscarem explicar a mística, trazendo à tona os seus significados e sentidos, os homens e as mulheres entrevistados disseram que com ela o grupo se sentia *animado*, além de que ela *renovava as esperanças, as forças e o fôlego, as mensagens tocavam o coração*. Cada sujeito, em sua particularidade, demonstrava os *significados e sentidos* da mística para suas vidas. Lembrando-se dos momentos de mística, alguns esboçavam lágrimas, outros se emocionavam através dos silêncios. Assim, a mística mexia com os sentimentos dos sujeitos e, de certa forma, tinham significados e sentidos relevantes para suas vidas, pelo menos no tempo em que estavam acampados.

Algo relevante ainda a ser considerado, evidenciando que a prática da mística também tem seus limites, é com relação ao espaço no assentamento. Os sujeitos que viveram no acampamento Madre Cristina, ainda quando se chamava Lagoão, e que se encontravam assentados no assentamento Estrela da Ilha, não continuaram com a prática da mística no assentamento, a não ser em algumas apresentações no início da conquista da terra. Após análises das fontes, percebi que a mística perde força nos assentamentos. Essa interpretação se deu pelas narrativas dos sujeitos e também diante das próprias falas de coordenadores do MST, tanto na região de Andradina, como em nível nacional. Ao conquistarem seu pedaço de chão, os sujeitos não cultivam a mística como no tempo do acampamento.

O fato de as famílias estarem *esparramadas* (longe uma das outras) e terem visões e preocupações mais centradas em seu lote contribuiu para que os sujeitos tomassem *posturas individualistas*, entrando em contraposição com o *desenvolvimento coletivo da mística*. A ausência da organização do Movimento no assentamento e a falta de *motivos em comuns* do grupo de assentados poderiam ter contribuído para que a mística perdesse força naquele espaço. Sendo uma prática coletiva, os sujeitos necessitavam desenvolver ações coletivas para terem estímulo e desenvolverem tal prática. Nos assentamentos, como em qualquer outro lugar, a realização da mística depende muito também de alguns sujeitos, ou de uma *Equipe* que fique responsável em sistematizar e efetuar sua realização. No contexto do assentamento Estrela da Ilha, a ausência de uma *Equipe* poderia também ter contribuído para o *apagar* da mística naquele espaço.

No *findar* dessa pesquisa, ainda há outras questões a serem compartilhadas. Durante as primeiras pesquisas de campo, em conversas com acampados e assentados, observando os seus gestos, as suas formas de se relacionar com o *Outro*, inclusive com minha pessoa, constatei que há, sem dúvida, uma relação dialética entre pesquisador e sujeitos. Nesta relação, ambas as partes aprendem. No meu caso, aprendi mais do que contribuí com o grupo. Tendo a oportunidade de estudar um grupo marginalizado por grande parte da sociedade, ao

sair da academia, consegui ver e sentir de forma nua e crua a realidade social que forjadamente parece ser natural, mas que, ao contrário, é construída historicamente.

Já li diversos estudos de autores que não conseguiram esconder suas concepções ideológicas e sentimentos em seus respectivos trabalhos. Muitos deles, tendo de ser profissionais e necessitando manter os rigores teóricos e metodológicos que exigem o seu ofício, confessaram que se dividiram em dois na edificação de suas pesquisas. Posso dizer que isso aconteceu comigo. No transcorrer das análises existiram dois *Fabianos*. Um apaixonado pelos movimentos sociais, em especial o MST, que vem construindo há mais de vinte anos novas formas de fazer política; que luta pela democratização da terra e por outros direitos que são negados a maioria da sociedade; e que fundamentalmente acredita na utopia de um Brasil melhor e justo, em que homens, mulheres e crianças possam desfrutar de uma vida digna. Simultaneamente, existiu o Fabiano que necessitou se esforçar para compreender o Movimento de uma forma crítica, problematizando algumas questões que dizem respeito às suas práticas e maneiras de se movimentar. Nesta aventura, desfrutei de muitas sensações. Dei muitas risadas, fiquei desapontado, ansioso e, por vezes, até derramei lágrimas.

Pelo que foi discutido nas tantas páginas que compõem o trabalho, o investimento no fazer da mística por parte do Movimento é intenso. Para a organização do MST e grande parte dos sujeitos que o compõe, o desenvolvimento da mística se caracteriza como imprescindível no enfrentamento das lutas e adversidades. Considerada como a *alma*, ela acaba também sendo visualizada como a *vida* do Movimento. Com esta pesquisa espero ter contribuído com o entendimento e as possibilidades de interpretação sobre a mística que fundamenta as ações do MST e dos sujeitos que o integram. Todavia, diante de sua riqueza, dinamicidade e mistério, a mística produz significados e representações para além do que os olhos podem ver.

Tendo muito a estudar e aprender, aproprio-me de uma expressão muito entoada entre os companheiros e companheiras do MST, que é repleta de sentidos e que sintetiza as minhas reflexões e sentimentos diante do término dessa empreitada...

... a luta continua!

FONTES

Documentos Diversos:

Trecho da fala de Dom Tomás Balduino no acampamento Encruzilhada Natalino, em 25/07/1981. In: *Tempo e presença* – Cedi; jul. 1981. p. 27.

CONTAG – *A Política Agrária do Governo e os Conflitos de Terra no Brasil*. Brasília, 12 de novembro de 1981.

VEIGA, José Eli da. Incoerências e contrastes da política fundiária. *Campanha Nacional pela Reforma Agrária*, Botafogo – RJ, 10 de agosto de 1983.

Documentos da CNBB, Nº 17. *Igreja e problemas da terra*. 2ª Ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

Serviço de Formação de Agentes de Pastoral Popular - *Cartilha Preparatória – VI Intereclesial*, 1985.

A Bíblia Sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. 2ª Edição. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CPT – *Carta da IIª a. Assembléia Nacional da Comissão Pastoral da Terra*. Goiânia, 29 de setembro de 1979.

POLETTI, Ivo. A Comissão Pastoral da Terra e a Questão Agrária. In: PAIVA, Vanilda (Org.). *Igreja e Questão Agrária*. São Paulo: Edições Loyola, 1985. p. 137-148.

CPT – *A nossa luta é por terra na roça e não por emprego na cidade – 25 de julho, dia do trabalhador rural*. Contagem – MG, 1983.

Convite - *Primeiro Encontro Nacional dos Sem Terra*, 1982.

Entrevista com João Pedro Stedile. *ESTUDOS AVANÇADOS*. O MST e a questão agrária. São Paulo: IEA, v.11, n.31: 69-97, 1997.

MARANHÃO, Malu. Celebração da Terra, Água, Direitos – Celebração da Vida. *Boletim da Comissão Pastoral da Terra – CPT*, Goiânia, Abr/Mai/Jun/2001, Ano XXI – Nº 163. p. 5.

SIQUEIRA, R. *Luzes do I Congresso: o que viram os olhos da CPT na Lapa do Bom Jesus?* Disponível em: <<http://www.cptnac.com.br/?system=news&action=read&id=1224&eid=85>>. Acesso em: 22 out. 2006.

Poesia - ANTICH, Salvador Puig. *Por mais que caem*, 1973.

Periódicos do MST:

Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Porto Alegre, outubro de 1984, Ano III, Nº 39.

SEM TERRA URGENTE – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (Regional Sul). Nº 1, abril de 1984.

A terra é de quem nela trabalha. *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, março/maio de 1985, Ano IV, Nº 43. p. 15.

Deus não pregou injustiça social. *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, março de 1989, Ano IX, Nº 81. p. 14.

D'AVILA, Ivo. Problemas – Avanços e Desafios. *MST- Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, abril de 1993, Ano XII, Nº 124. p. 16.

BOFF, Leonardo. A Mística. *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, maio de 1993, Ano XII, Nº 125. p. 3.

VIEIRA, D. Encontro Estadual define as linhas para 95. *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, jan/fev de 1995, Ano XIV, Nº 144. p. 5.

JUSTO, Ana. 17 anos de luta pela terra no Rio Grande do Sul. *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, setembro de 1996, Ano XV, Nº 162. p. 15.

Santa Catarina – 14 anos de lutas e conquistas dos sem terra. *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, junho de 1999, Ano XVII, Nº 190. p. 8.

Santa Catarina – Onze anos do Assentamento 30 de Outubro. *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, novembro de 1999, Ano XVIII, Nº 195. p. 8.

PASQUALINO, Beatriz. Conferência discute a “crise do destino” da humanidade. *Revista Sem Terra*, São Paulo, set/out. 2004, p. 40.

Valores que Libertam. *MST- Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (Edição Especial)*. São Paulo, maio de 2004.

Publicações internas do MST (Cadernos de Formação, Cartilhas, Cadernos de Educação e Manuais de Organização etc.):

MST- Caderno de Formação Nº 2. *História da Luta pela Terra*. Porto Alegre, fevereiro de 1986.

MST - Caderno de Formação Nº 8. *O papel da Igreja no Movimento Popular*. São Paulo, novembro de 1985.

MST - Caderno de Formação Nº 5. *Organização*. São Paulo, agosto de 1985.

MST - *Histórico do Movimento Sem Terra* – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: Secretaria Regional Sul, 1985.

MST - Caderno de Formação Nº 13. *Nossa força depende de nossa dedicação*. São Paulo, julho de 1987.

MST - Caderno de Formação Nº 14. *Construir um Sindicalismo pela Base*. São Paulo, 1987.

MST – Coleção Saber e Fazer Nº 2. *A Questão da Mística no MST*. São Paulo, abril de 1991.

MST – Cadernos Vermelhos Nº 2. *Normas Gerais do MST*. São Paulo, setembro de 1989.

MST – Cadernos Vermelhos Nº 4. *Como Organizar a Massa*. São Paulo, setembro de 1991.

MST – Cadernos Vermelhos Nº 5. *Disciplina*. São Paulo, janeiro de 1992.

MST – Cadernos Vermelhos Nº 6. *Alianças*. São Paulo, janeiro de 1993.

MST – Cadernos Vermelhos Nº 7. *CHE e os Quadros de Direção*. s/d.

MST – Boletim da Educação Nº 1. *Ocupar, Resistir e Produzir também na Educação*. Porto Alegre, agosto de 1992.

MST – *Escola de Assentamento – Ocupar, Resistir, Produzir também na Educação*. s/d.

MST - Caderno de Formação Nº 19. *Calendário Histórico dos trabalhadores*. São Paulo, janeiro de 1993.

MST – *Como Organizar os Assentados Individuais*. São Paulo, julho de 1994.

MST – *Vamos Organizar a Base do MST*. São Paulo, março de 1995.

MST – *O Brilho que Faz a Luta – A educação através do teatro popular*. São Paulo, junho de 1995.

MST - Caderno de Formação Nº 24. *Método de Trabalho Popular*. São Paulo, junho de 1997.

MST - Caderno de Formação Nº 25. *Preparação dos Encontros Estaduais e 9º Encontro Nacional MST*. São Paulo, 1997.

MST - Caderno de Formação Nº 27. *Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo*. São Paulo, março de 1998.

MST – CD *Arte em Movimento*. Manaus, SONOPRESS, 1998.

MST – Caderno de Educação Nº 8. *Princípios da Educação no MST*. Porto Alegre, julho de 1996.

MST- Caderno de Formação Nº 26. *A vez dos Valores*. São Paulo, janeiro de 1998.

MST- Caderno de Educação Nº 9. *Como Fazemos a Escola de Educação Fundamental*. Porto Alegre, novembro de 1999.

MST – Caderno de Educação Nº 10. *Ocupando a Bíblia*. Setor de Educação do MST, outubro de 2000.

MST – Caderno do Educando – Pra Solettrar a Liberdade Nº 1. *Nossos Valores*. Veranópolis – RS, junho de 2000.

MST – Coleção Fazendo Escola. *Construindo o Caminho numa Escola de Assentamento do MST*. Porto Alegre, dezembro de 2000.

MST – *Construindo o Caminho*. São Paulo, julho de 2001.

MST – Setor de Formação. *A Força da Juventude do MST na Luta por um Brasil sem latifúndio e Contra a ALCA*. São Paulo, janeiro de 2002.

MST - Caderno do Educando – Pra Solettrar a Liberdade Nº 2. 2ª Ed. *Somos Sem Terra*. São Paulo, julho de 2003.

MST – *Massacre de Eldorado dos Carajás*. s/d.

BOGO, Ademar. *O Vigor da Mística*. MST – Caderno de Cultura Nº 2. São Paulo, 2002.

BOGO, Ademar; PIZETTA, Adelar J; TROCATE, Charles. *Oziel e a Juventude do MST*. Setor de Formação do MST – Pará, 2006.

Cadernos de Estudos ENFF 1. *A Política de Formação de Quadros*. Guararema - SP, 2007.

Entrevistas:

Rogério. Entrevista concedida a Maria Celma Borges. Assentamento São Bento, setor II. Pontal do Paranapanema – SP, 2002.

Antônio. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina. Itapura – SP, 2007.

Ricardo (Carrapicho). Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina. Itapura – SP, 2007.

Maria de Lourdes. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina. Itapura – SP, 2007.

Jorge. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina. Itapura – SP, 2007.

Manoel. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina. Itapura – SP, 2007.

Giselda. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina. Itapura – SP, 2007.

Dermival. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina. Itapura – SP, 2007.

Vanda. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina. Itapura – SP, 2007.

Odair. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina. Itapura – SP, 2007.

Leandro. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina. Itapura – SP, 2007.

Sônia. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina. Itapura – SP, 2007.

Francisco e Lourdes. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Acampamento Madre Cristina. Itapura – SP, 2007.

Lourival. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Regional do MST. Andradina - SP, 2007.

Renê. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Regional do MST. Andradina - SP, 2007.

Iran e Maria. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha. Ilha Solteira – SP, 2008.

Renê. Entrevista concedida a Fabiano Coelho e Andrey M. Martin. Regional do MST. Andradina – SP, 2009.

Wilma. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha. Ilha Solteira – SP, 2009.

Edson (Capitão). Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha. Ilha Solteira – SP, 2009.

Jucélia. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha. Ilha Solteira – SP, 2009.

Maria Francelina. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha. Ilha Solteira – SP, 2009.

Maria Ivânia. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha. Ilha Solteira – SP, 2009.

Kelly Cristina, Antônio e Maria Bertoci. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha. Ilha Solteira – SP, 2009.

João Pereira e Rosalvo. Entrevista concedida a Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha. Ilha Solteira – SP, 2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *Ouvir, Contar – Textos em História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, Rosemeire Ap. de. *(Re) criação do campesinato, identidade e distinção: a luta pela terra e o habitus de classe*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ALCÂNTARA, Maria de L. B. de; JUSTOS, Marcelo. O Movimento dos Sem Terra: uma análise sobre o discurso religioso. *Revista Imaginário*. Disponível em: <www.imaginario.com.br/artigo/a0061_a0090/a0064.shtml>. Acesso em: 15 out. 2006. (s/p).

AMADO, Janaína. A Culpa Nossa de Cada Dia: Ética e História Oral. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, (15), p. 145-155, abril de 1997.

_____; FERREIRA, Marieta de M. (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ARIÈS, Philippe; CERTEAU, Michel de; LE GOFF, Jacques; LADURIE, Emmanuel Le Roy; VEYNE, Paul. Mesa redonda. A História – uma paixão nova. In: LE GOFF, Jacques et al. *A Nova História*. Lisboa: Edições 70, 1984. p. 9-40.

AZEVEDO, Fernando A. *As Ligas Camponesas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla B. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

BARROS, José D' Assunção. A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier. *Diálogos – Revista de História do DHI/PPH/UEM*, Maringá, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

BENJAMIM, Walter. *Obras Escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política*, v. 1, São Paulo, Brasiliense, 1994.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. 26ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador: ensaio de Cristologia crítica para o nosso tempo*. Petrópolis, Vozes. 1986.

_____. *E a Igreja se fez povo*. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. *Mística e Espiritualidade*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BOFF, Clovis; BOFF, Leonardo. *Como fazer Teologia da Libertação*. 3ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOGO, Ademar. *Lições da Luta pela Terra*. Salvador: Memorial das Letras, 1999.

_____. A força que vem da mística. In: _____. *Arquiteto dos sonhos*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2003. Cap. VII, p. 301- 347.

_____. *Identidade e Luta de Classes*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BORGES, Maria C. *De pobres da Terra ao Movimento Sem Terra: práticas e representações camponesas do Movimento Sem Terra no Pontal do Paranapanema – SP*. 2004. 391 f. Tese (Doutorado em História). Faculdades de Letras e Ciências Humanas. Universidade Estadual Paulista, Assis.

BRANFORD, Sue; ROCHA, Jan. *Rompendo a Cerca: a história do MST*. São Paulo: Casa Amarela, 2004.

BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. *Testemunha ocular: história e imagens*. Bauru: Edusc, 2004.

BURKE, Peter (Org.) *A escrita da História: novas perspectivas*. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CARDOSO, Ciro F. *Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios*. Bauru - SP: EDUSC, 2005.

_____. História e Paradigmas Rivais. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 1-23.

CALDART, Roseli S. *Sem Terra Com Poesia*. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. A Escola do Campo em Movimento. *Currículo sem Fronteiras*, v.3, n.1, p. 60-81, jan/jun 2003. p. 11. ISSN 1645-1384. Disponível em: <www.curriculosemfronteira.org>. Acesso em: 23 de set. de 2008.

CERTEAU, M. de., A Operação Historiográfica. In: _____. *A Escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Meneses. Rio de Janeiro: Forense, 1982. cap. II, p. 65 - 119.

COELHO, Fabiano. *Práticas e Representações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: acampamento Madre Cristina e mística*. 2007. 92f. Monografia (História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

COLOMBA, Adriana de Souza et al. Caracterização do Assentamento Estrela da Ilha, em Ilha Solteira (SP). In: XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. *Anais da SOBER 2007*. Londrina: UEL, 2007. p. 1-9.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Col. Memória e Sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. *A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Trad. Patrícia Chitoni Ramos. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

CHAUVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe (Orgs.). Trad. Ilka Stern Cohen. *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.

CHAVES, Christine de A. *A Marcha Nacional dos Sem Terra: um estudo sobre a fabricação do social*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

CIAVATTA, Maria. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900 - 1930)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DINIZZ JÚNIOR, José Américo. *Religião e MST: estudo dos Batistas da Congregação Monte Sião no assentamento “Antônio Conselheiro II” na região do Pontal do Paranapanema*. 2007. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

DUBY, Georges. *A história continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FACHI, Edna de. *Na Luta por um Pedaco de Chão: experiência e cotidiano nos assentamentos de sem-terra do Sul de Mato Grosso do Sul*. 2007. 225 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados.

FARIAS, Damião D. de. *Crise e Renovação Católica na Cidade de São Paulo: impasses do progressismo e permanências do conservadorismo (1945/1975)*. 2002. 446 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo.

FARIAS, Marisa de F. L. de. *Acampamento América Rodrigues da Silva: esperanças e desilusões na memória dos caminhantes que lutam pela terra*. Dourados: Fundo de Investimentos Culturais de MS, Dinâmica, 2006.

FÉLIX, Loiva O. *História e Memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FERREIRA, Aurélio. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª Ed, 29ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERNANDES, Bernardo M.; STEDILE, João P. *Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. 3ª Ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

FERNANDES, Bernardo M. *Contribuição ao estudo do campesinato brasileiro: formação e territorialização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST (1979-1999)*. 1999. 316 f. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo.

_____. *Gênese e Desenvolvimento do MST*. Caderno de Formação N° 30 (MST). São Paulo: Editora Perez, 1998.

_____. *A formação do MST no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *MST: Formação e Territorialização*. São Paulo: Hucitec, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

FREUND, Gisèle. *Fotografia e Sociedade*. Trad. Pedro Miguel Frade. 2ª Ed. Lisboa: Vega, 1995.

FERREIRA, Vera L. S. Botta; ALY JUNIOR, Osvaldo (Orgs.). *Assentamentos Rurais: impasses e dilemas. Uma trajetória de 20 anos*. São Paulo: ABRA/UNIARA/INCRA, 2005.

GAIGER, Luiz I. G. *Agentes Religiosos e Camponeses Sem Terra no Sul do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1987.

GARRIDO, Joan del Alcàzar i. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 13, n°25/26, p. 33-54, set 92/ago 93.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1989.

GOHN, Maria da G. *Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 1997.

GRZYBOWSKI, Cândido. *Caminhos e Descaminhos dos Movimentos Sociais no Campo*. Petrópolis: Vozes, FASE, 1987.

_____. A Comissão Pastoral da Terra e os Colonos do Sul do Brasil. In: PAIVA, Vanilda (Org.). *Igreja e Questão Agrária*. São Paulo: Edições Loyola, 1985. p. 248-276.

GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HALL, Michael M. História Oral: os riscos da inocência. In: Secretaria Municipal de Cultura – DPH. *O Direito à Memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, 1992, p. 157-160.

HIGUET, Etienne. O misticismo na experiência católica. In: *Religiosidade popular e misticismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984. p. 21-62.

IOKOI, Zilda M. G. Os movimentos sociais e a luta pela terra. In: MACHADO, Maria C. T.; PATRIOTA, Rosângela. *Política, Cultura e Movimentos Sociais: contemporaneidades historiográficas*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2001. p. 235-255.

_____. O Sujeito e a Classe: lutas sociais e o modo de ser sem terra, p. 269. In: *XIV Encontro Regional de História - Sujeitos na História: práticas e representações*. Bauru: EDUSC. 2001. p. 257-285.

_____. *Lutas Sociais na América Latina: Argentina, Brasil, Chile*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

JAPIASSU, Hilton. *O mito da neutralidade científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JOUTARD, Philippe. História Oral: balanço da metodologia de da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996. p. 43-62.

LARA JUNIOR, Nadir. *A mística no cotidiano do MST: a interface entre religiosidade popular e política*. 2005. 154 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *História e Memória*. 4. Ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 1996.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas: Papyrus, 1986.

LIMA VAZ, Henrique C. de. Mística e Política: a experiência mística na tradição ocidental. In: BINGEMER, Maria C. L; BARTHOLO JUNIOR, Roberto dos S. (Orgs.). *Mística e Política*. São Paulo: Edições Loyola, 1994. p. 9-82.

LOWY, Michael. *A Guerra dos Deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LUCA, Tânia R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____; MARTINS, Ana L. *Imprensa e Cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2ª Edição Revista. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MALATIAN, Tereza M. A Circularidade do Discurso: perspectivas metodológicas da história oral. In: *Fontes Históricas: abordagens e métodos*. Programa de Pós-Graduação em História, Unesp, Assis, 1996. p. 47-56.

MARCON, Telmo. *Acampamento Natalino: história de luta pela reforma agrária*. Passo Fundo: Ediupf, 1997.

MAUAD, Ana M. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, p. 1-15, 1996.

MARTINS, José de S. *Caminhada no Chão da Noite: emancipação política e libertação nos movimentos sociais no campo*. São Paulo: Editora Hucitec, 1989.

_____. *Expropriação e Violência: a questão política no campo*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

_____. *Os camponeses e a política no Brasil: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo histórico*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes. 1983.

_____. *Reforma Agrária: o impossível diálogo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

_____. *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. A Igreja face à política agrária do Estado. In: PAIVA, Vanilda (Org.). *Igreja e Questão Agrária*. São Paulo: Edições Loyola, 1985. p. 110-126.

MATTOSO, José. *A escrita da história: teoria e métodos*. Lisboa: Editora Estampa, 1988.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. 7ª Ed. São Paulo: CHED, 1980.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. v. 1. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MEDEIROS, Leonilde S. de; ESTERCI, Neide (Orgs.). *Assentamentos Rurais: uma visão multidisciplinar*. São Paulo: Editora da UNESP, 1994.

MEDEIROS, Evandro C. de. *A Dimensão Educativa da Mística Sem Terra: a experiência da Escola Nacional "Florestan Fernandes"*. 2002. 212 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. A Mística como Instrumento Pedagógico na Formação Política dos Militantes do MST. *Revista Geonotas*, v. 5, n. 4, out/nov/dez 2001. ISSN 1415-0646. Disponível em: <<http://www.dge.uem.br/geonotas/vol5-4/evandro.shtml>>. Acesso em 15 de maio de 2009.

MEIHY, José C. S. B; SANTOS, Andrea P. dos; RIBEIRO, Suzana L. S. (Orgs). *Vozes da Marcha pela Terra*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

MENEZES NETO, Antonio J. de. A Igreja Católica e os Movimentos Sociais do Campo: a Teologia da Libertação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. In: *Caderno CRH*. Salvador, v.20, n. 50, p. 331-341, Maio/Ago. 2007.

MOGROVEJO, Cláudia D. *Movimento "Sem Terra" (MST): um estudo sobre as idéias político-religiosas de alguns ativistas*. 2002. 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC-RJ, Rio de Janeiro.

MONTENEGRO, Antonio T. História Oral, caminhos e descaminhos. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: vol. 13, nº25/26, p. 55-65, set 92/ago 93.

MOUILLAUD, Maurice. A informação ou a parte da sombra. In: PORTO, Sérgio D. (Org.). *O Jornal: da forma ao sentido*. 2ª Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 37-47.

NEVES, Lucília de A. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. *História Oral*, n. 3, p. 109-116, 2000.

NORA, Pierre. O acontecimento e o historiador do presente. In: LE GOFF, Jacques. et al. *A Nova História*. Lisboa: Edições 70, 1984. p. 45-55.

NOVAES, Regina C. R. A questão agrária e o papel da Igreja na Paraíba. In: PAIVA, Vanilda (Org.). *Igreja e Questão Agrária*. São Paulo: Edições Loyola, 1985. p. 209-247.

OLIVEIRA, Bernadete C. Tempo de travessia, tempo de recriação: os camponeses na caminhada. In: *Estudos Avançados*, 15 (43), 2001. p. 255-265.

OLIVEIRA, Lucia L. Reflexões sobre Identidade e Alteridade: Brasil e Estados Unidos. In: SILVA, G. V. da.; NADER, M. B.; FRANCO, S. P. (Orgs.). *As Identidades no Tempo: ensaios de gênero, etnia e religião*. Vitória: EDUFES, 2006. p. 35-46.

PAIVA, Vanilda. A Igreja Moderna no Brasil. In: PAIVA, Vanilda (Org.). *Igreja e Questão Agrária*. São Paulo: Edições Loyola, 1985. p. 52-67.

_____. Introdução. In: PAIVA, Vanilda (Org.). *Igreja e Questão Agrária*. São Paulo: Edições Loyola, 1985. p. 11-40.

PALMEIRA, Moacir. A diversidade da luta no campo: luta camponesa e diferenciação do campesinato. In: PAIVA, Vanilda (Org.). *Igreja e Questão Agrária*. São Paulo: Edições Loyola, 1985. p. 43-51.

PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PIANA, Marivone. “Arte em Movimento” no MST: a expressão simbólica das transformações. In: Movimentos Sociais Rurais: Identidades, Símbolos e Ideais. *Cadernos de Pesquisa*, N. 24, novembro de 2000. p. 18-30.

_____. Música e movimentos sociais: perspectivas iniciais de análise. In: *Anais do II Seminário Nacional “Movimentos Sociais, Participação e Democracia*. 2007, UFSC, Florianópolis. ISSN 1982-4602. p. 502-513.

PINSKY, Carla B. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2009.

_____. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 1-15. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2009.

POLETTI, Ivo. As Contradições Sociais e a Pastoral da Terra. In: PAIVA, Vanilda (Org.). *Igreja e Questão Agrária*. São Paulo: Edições Loyola, 1985. p. 129-136.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral – a pesquisa como experimento em igualdade. Trad. Maria Therezinha Janine Ribeiro. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC - SP*. São Paulo, (14), p. 7-24, fevereiro de 1997.

RIBEIRO, Suzana L. S. *Tramas e Traumas: identidades em marcha*. São Paulo, 2007. 392 p. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena: experiências, falhas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970 – 80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SCHERER-WARREN, Ise. *Redes de Movimentos Sociais*. São Paulo: Loyola, 1993.

_____. A atualidade dos movimentos sociais rurais na nova ordem mundial. In: SCHERER-WARREN, Ise; FERREIRA, José M. C. (Orgs.). *Transformações sociais e dilemas da globalização: um diálogo*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 243-257.

SCHMITT, Claudia J. *O Tempo do Acampamento: a construção da identidade social e política do “colono sem-terra”*. 1992. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SAMPAIO, Plínio. de A. *A Mística*. Nov. 2002. Disponível em: <www.landless-voices.org/vieira/archive-05.phtml?rd=MSTICAOF657&ng=p&sc=3&th=42&se=0>. Acesso em: 07 nov. 2006.

SILVA, José G. da. *A Modernização dolorosa*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

SILVA, Émerson N. da. *Formação e ideário do MST*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

SILVA, Cristiani B. da. *Homens e Mulheres em Movimento - Relações de Gênero e Subjetividades no MST*. Florianópolis: Momento Atual, 2004.

SILVA, Samuel R. da. *Movimento, Comunicação e Linguagem na Educação de Jovens e Adultos do MST*. 2003. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SILVA, Joysinett M; VECCHIO, Rafael. Uma Outra Linguagem: a Mística na produção da consciência dos integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). In: *Ephemera – Theory & Politics in Organization*, v. 6 (3), p. 375-390, 2006.

SOTTILI, Rogério. *MST: A Nação além da cerca – a fotografia na construção da imagem e da expressão política e social dos sem-terra*. 1999. 198 f. Dissertação (Mestrado em História) – PUC-SP, São Paulo.

SOUZA, João C. de. *Na luta por habitação: a construção de novos valores*. São Paulo: Educ, 1995.

SOUZA, Marcelo de B; CARAVIAS, José L. *Teologia da Terra*. Petrópolis: Vozes, 1988.

SOUZA, Rafael B. R. de. Comunicação e Cultura Subalterna: o papel da mística no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. *Anais do Intercom 2007*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007. p. 1-13.

STEDILE, João P. *História e Natureza das Ligas camponesas*. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

STRAPAZZON, João P. L. “... *E o Verbo se fez Terra*” – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (SC) 1980-1990. 1996. 113 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

THOMPSON, Edward P. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TURATTI, Maria C. M. *Os Filhos da Lona Preta: identidade e cotidiano em acampamentos do MST*. São Paulo: Alameda, 2005.

VAINFAS, Ronaldo. Caminhos e Descaminhos da História. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 441-449.

VARGAS NETTO, Sebastião L. F. *A Mística da Resistência: culturas, histórias e imaginários rebeldes nos movimentos sociais latino-americanos*. 2007. 390 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, São Paulo.

VENDRAMINI, Célia. *Consciência de classe e experiências sócio-educativas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. 1997. 291 f. Tese (Doutorado em Educação) – UFSCar, São Carlos.

ZUCHETTO, Adriana. *Trabalhadores rurais animados pela fé*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1987.

WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: Ensaio Sobre a Crítica da Cultura*. Trad. Alípio Correia de França Neto. São Paulo: Edusp, 1994.

Autorizo a reprodução deste trabalho.

Dourados, 15 de junho de 2010.

Fabiano Coelho